



Aluno: João Felipe Albuquerque Corbellini - 1210360

## Processo de Americanização do Brasil 1920- 1945

Monografia apresentada à Graduação em História da PUC-Rio como requisito para a obtenção do título de bacharel em História.

Professor orientador: Maurício Alvarez Barreto Parada

Departamento de História

Pontifícia Universidade Católica

Rio de Janeiro

Julho de 2016

## **AGRADECIMENTOS:**

Agradeço primeiramente a Deus, pois sem ele eu nada seria.

Aos meus pais, Lucia dos Reis Albuquerque e Aristides Maria Ricci Corbellini por terem investido em minha educação e dado total apoio com muitas conversas bem ricas.

Ao meu orientador Mauricio Alvarez Barreto Parada por ter sido paciente e me indicado o caminho das pedras, além de material bibliográfico muito interessante aos quais eu me identifiquei.

Aos excelentes professores com quem tive aula que me ajudam a enriquecer meu conhecimento de uma área a qual sou apaixonado que é a História.

Ao Fluminense Football Club que é um clube que me enlouquece e fascina ao mesmo tempo.

Não posso deixar de mencionar as pessoas que conheci na faculdade que sempre foram muito amistosos com a minha pessoa.

À Pontifícia Universidade Católica por possuir um campus mais que agradável e ser tão acolhedora de seus alunos.

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>pg.1</b>
<b>CAPÍTULO 01 - Do culto à cultura europeia ao início da Americanização do Brasil.....</b>	<b>pg.6</b>
<b>1.1 A cultura europeia não é mais a ideal como um dia foi.....</b>	<b>pg.6</b>
<b>1.2 O aumento gradual da influência norte-americana no Brasil...</b>	<b>pg.15</b>
<b>CAPÍTULO 02 - Americanização pela Reader's Digest.....</b>	<b>pg.26</b>
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>pg.46</b>
<b>Referências bibliográficas.....</b>	<b>pg.48</b>

## **Resumo:**

Esse trabalho aborda como e porque o processo de americanização se deu no Brasil, baseando-se na análise sobre um de seus principais veículos na década de 40, a revista *Seleções da Reader's Digest*. Através da documentação primária, vemos como os valores americanos conseguiam adquirir aceitação na sociedade brasileira, adquirindo grande positividade. Procuro entender nessa monografia como a visão de civilização europeia começou a ser substituída por uma visão norte-americana pela elite brasileira, baseada na prosperidade advinda do mercado de consumo. Para entendermos essa reformulação de visão, é preciso dizer os choques que a Primeira Guerra Mundial representou no imaginário das elites, o que resultou em uma crítica aos valores europeus, principalmente no caso da Alemanha, quando se observava a grande destruição que a Europa passou após o conflito, além de sua grande taxa de morticínio. A Primeira Guerra Mundial representou uma mudança clara de paradigmas: a razão, atrelada antes ao movimento constante em rumo ao progresso passou a ser repensada pelas sociedades modernas. A substituição da exemplaridade europeia pela dos Estados Unidos como projeto civilizatório geraria a intensificação da americanização no Brasil.

## **Palavras-chave:**

Americanização, Segunda Guerra Mundial, Primeira Guerra Mundial, pan-americanismo, progresso, barbárie.

## **Introdução:**

Atualmente não é difícil encontrarmos na sociedade brasileira expressões americanas. *Ok, shopping mall, light, designer, fitness*, entre outras, comprovam como é consolidada a influência norte-americana no Brasil. Além disso, cada vez vemos mais lojas de franquia estadunidense sendo abertas no Brasil, a exemplo da mais famosa, *McDonald's*, que sempre está lotada de clientes. Essa monografia é baseada nessa exportação de valores culturais americanos que cada vez mais se consolidam no Brasil. Procurarei mostrar nela o porquê e como ela se deu em seu principal momento de desenvolvimento - após a Primeira Guerra Mundial e durante a Segunda Guerra Mundial. Compreender o processo de americanização do Brasil tem relevância para entendermos por que atualmente a nossa sociedade é tão similar à norte-americana em vários aspectos culturais.

Nesta minha pesquisa, pretendo analisar como os Estados Unidos da América iniciou este movimento de aproximação com o Brasil através de material impresso, como os livros que serão mencionados que nos permite o embasamento desta afirmação que nosso país passou por uma forte onda de influência por parte dos norte-americanos com o objetivo de mudar o pensamento da elite brasileira e de sua população como um todo. A exportação do *american way of life* se dará em um momento em que a tática de política externa norte-americana para a América Latina e o Brasil encontrava uma fase de esgotamento, atolada em críticas pelo seu intervencionismo agressivo o que permitia uma expansão de um sentimento antiamericano na região. A primeira forma de relacionamento entre norte-americanos e América Latina se estabeleceu por meio da política de *Big Stick* realizada nos primeiros trinta anos do Século XX. Ela defendia a ideia de que potências europeias não tinham direito de intervir ou exercer pressões recolonizadoras arbitrárias sobre a América, baseada nos argumentos da Doutrina Monroe. Assim, a América deveria ser para os americanos e, tendo os Estados Unidos como pretendente a ser o protetor do continente, como nos aponta Gerson Moura, em

seu trabalho *Tio Sam chega ao Brasil: a penetração cultural americana*<sup>1</sup>. Com o avanço do imperialismo, os norte-americanos se basearam na intervenção militar europeia para estabelecer para si seus territórios de influência, intervindo político e militarmente em países do continente, especialmente no Caribe e América Central, como a ocupação de Porto Rico, intervenção em Cuba, estímulo de movimentos separatistas, como o panamenho no interior da Colômbia<sup>2</sup>. Esse intervencionismo se estabelecia na defesa de que para a manutenção da ordem continental, deveria ser feita pelo governo mais apto e civilizado, e que os outros países latino-americanos ainda não se encontravam nas condições dos norte-americanos para esse papel. Porém, com o passar do tempo e de princípios do Direito Internacional, como direito à autodeterminação dos povos e críticas ao intervencionismo, a aproximação norte-americana precisou ser repensada<sup>3</sup>. A nova forma de aproximação encontrará sua formulação no governo de Franklin D. Roosevelt, com a sua Política da Boa Vizinhança.

Esse meu material de pesquisa surgiu devido ao meu interesse em trabalhar questões culturais relacionadas às consequências das duas grandes guerras pela qual o Brasil passou, resultando na diminuição gradual da influência europeia e, em oposição, o aumento da americana. O interesse pelo tema surgiu das minhas aulas de História Contemporânea IV que tive com o professor Ivan Ducatti, na Universidade Gama Filho, onde foram trabalhados o livro *Era dos Extremos*<sup>4</sup>, de Eric Hobsbawm e a obra de Moura.

As Primeira e Segunda Guerra mundiais serviram como mudança de paradigma da crença das pessoas sobre os progressos propiciados pela razão. Pensou-se que ela não servia apenas para incrementar a vida de nossa sociedade, mas possuía outra face, que trazia caos, destruição e várias formas de incivilidades. Em sua clássica obra, *Modernidade e Holocausto*<sup>5</sup>, Zygmunt Bauman nos mostra como a barbárie propiciada pelo nazismo durante a Segunda Guerra Mundial não deve ser visto como uma excepcionalidade ou desvio da razão e civilização, mas outra face que o

---

<sup>1</sup> MOURA, G. *Tio Sam chega ao Brasil: a penetração cultural americana*. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 7.

<sup>2</sup> Ibidem.

<sup>3</sup> Idem. p. 8.

<sup>4</sup> HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos - O breve século XX - 1914 - 1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

<sup>5</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e holocausto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

desenvolvimento técnico e científico, baseado na razão, pode trazer ao Homem, sendo assim a outra face de Jano da modernidade, tendo capacidade de se repetir.

O primeiro capítulo dessa monografia é dedicado ao estudo e análise sobre fatos da Primeira Guerra Mundial que contribuíram para remodelar o imaginário de civilização na população do Brasil e da América Latina. Fundamental para entendermos esse processo será o livro *Adeus a Europa - A América Latina e a Grande Guerra*<sup>6</sup>, de Olivier Compagnon, onde o autor mostra as críticas que surgiram nas sociedades brasileira e argentina aos valores europeus, observadores atônitos dos eventos de morticínio em massa que se desenvolviam na Europa. O autor nos irá elucidar que essa reorientação de imaginário nas elites de ambos os países irá contribuir para dois fatores: para que eles repensassem suas próprias Histórias e identidade, vendo-se como portadores de valores civilizacionais que estavam sendo degenerados pelo conflito na Europa e para que a influência dos norte-americanos começasse a se consolidar na América do Sul e no Brasil, substituindo lentamente a europeia.

Destaco ainda que o processo de americanização do Brasil é mais longínquo do que se pensa, não estando relacionado apenas com as consequências da Primeira Guerra Mundial e da Segunda. Os norte-americanos já encontram a sua cultura política como exemplar desde tempos de proclamação da República, a exemplo da Constituição brasileira de 1891 ter sido fortemente influenciada pela estadunidense ou pela aproximação entre os países pelo estabelecimento de embaixadas entre ambos. Aqui é apresentada uma das hipóteses que permeiam esse trabalho: a de que a americanização do Brasil é um processo que provém antes das duas grandes guerras, que se estabelece desde a os primórdios da fundação da República, mas que ganhou força principalmente depois da Primeira Guerra Mundial e durante a Segunda Guerra Mundial.

Ainda no capítulo um, a segunda parte é dedicada ao estudo de como os norte-americanos pretendiam lidar com a América Latina e o Brasil, debatendo sobre quais ideias se apoiava a americanização e os principais agentes desse processo no Brasil, como a participação de Nelson Rockefeller, além de outras iniciativas privadas. É mostrado como se deu esse processo em nosso país, baseando-se principalmente na obra

---

<sup>6</sup> COMPAGNON, Olivier. *O adeus à Europa - A América Latina e a Grande Guerra*. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

de Antônio Pedro Tota, *O imperialismo sedutor - A americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*<sup>7</sup>.

O segundo capítulo pretende analisar através de um dos principais veículos norte-americanos de mídia feitos para o Brasil, a *Seleções da Reader's Digest*, como o processo de americanização se dava. Assim, pretendo contribuir com adição de nova documentação primária para os estudos sobre como os valores americanos eram difundidos à sociedade brasileira, através da análise crítica de propagandas presentes nela, assim como artigos. Essa análise é feita pensando principalmente que a expansão da influência estadunidense no Brasil e na América Latina era pensada como uma forma de segurança nacional doméstica para os estadunidenses, na medida em que a diminuição da influência alemã no continente sul americano era importante para que os países latino-americanos não se aliassem ao Eixo ou que movimentos políticos radicais tomassem o poder nos países latino-americanos. No capítulo dois, trabalho a hipótese de que os Estados Unidos, ao exportarem seus valores culturais, fazia isso de forma a transformá-los em valores que fossem mundiais e eram essencialmente relacionados ao progresso, como, por exemplo, a liberdade, procurando se afastar da imagem de um país belicoso - como procurava representar a Alemanha - para, assim, forjar a sua própria imagem como a de um líder que estabeleceu sua influência na América Latina e no Brasil por um consenso, no qual tais países se comprometeram com os mesmos valores, reconhecendo a superioridade moral, econômica e cultural norte-americana. Assim, a *Reader's Digest* foi um dos principais veículos norte-americanos a contribuir para esse processo de formação da hegemonia americana no Brasil, forma de dominação diferente da que se dava antes pela política do *Big Stick*.

Ao mesmo tempo, o governo brasileiro, procurando modernizar o país, auxiliou na própria americanização, pretendendo difundir valores que aumentassem o consumismo por parte da população, além da sua valorização do trabalho, e, assim, contribuísse para o desenvolvimento econômico e a formação de um Estado mais forte, que era o que o governo varguista almejava para o Brasil. Sendo assim, defendo a hipótese de que o processo de americanização não foi um movimento de via única, mas que teve também amplo apoio do governo brasileiro, que ajudou para sua expansão, mesmo sendo feita de forma assimétrica. Portanto, ambos os fatores servem para

---

<sup>7</sup> TOTA, Antonio Pedro. *O imperialismo sedutor - A americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

mostrar ao leitor, reforçando a tese de Gerson Moura<sup>8</sup>, de que a americanização no Brasil foi, sobretudo, feita de maneira planejada, pensada.

O período trabalhado será principalmente o que compreende a Primeira Guerra Mundial e a Segunda Guerra Mundial. O primeiro capítulo trabalhara o período durante a Primeira Guerra e após ela (1914-1918), enquanto o segundo trabalhará a *Reader's Digest* no período desde seu começo de publicação no país até o final da guerra (1942-1945).

---

<sup>8</sup> Idem. p. 5.

## **Capítulo 01:**

### **Do gradual abandono da influência europeia para a influência norte-americana**

#### **1.1 A cultura europeia não é mais a ideal como um dia foi.**

O historiador francês Olivier Compagnon pretende com seu trabalho *O Adeus à Europa - A América Latina e a Grande Guerra*<sup>9</sup> mostrar que houve um afastamento gradual da elite intelectual brasileira do modelo civilizatório europeu após a Primeira Guerra Mundial. O Brasil não participou ativamente da Primeira Guerra como os países europeus, porém procurou manter contato comercial com tais países para tirar proveito das relações. Mesmo não participando ativamente da guerra nos combates, o Brasil ainda supria as nações beligerantes e só chegou a participar efetivamente quando já estava em seus finais.

Olivier Compagnon nos relata que findada a Primeira Grande Guerra, os países europeus perderam a capacidade de investir nos países da América do Sul, como faziam anteriormente. Vale a pena lembrar que o autor nos deixa claro que os Estados Unidos da América que haviam saído vitoriosos desse conflito, forneceram parte do equipamento que os beligerantes necessitaram, sem ter seu território envolvido neste terrível confronto. Nesse sentido, os Estados Unidos não precisaram desprender capital para a reconstrução de seu país, como os países europeus. É fácil compreender que aos norte-americanos, o período foi de lucro e crescimento de sua economia, além sua base industrial. Com um país cada vez mais fortalecido pelo desenvolvimento industrial por conta da guerra, é compreensível que a influência deste também passasse a ter um peso maior no continente americano. Como o auxílio a países europeus tinha alavancado a indústria americana, especialmente a de armamentos, os Estados Unidos viram que uma forma de continuar a expansão de sua base industrial e alimentá-la com matérias-primas seria também através de um relacionamento mais estreito com os países latino-americanos. De acordo com Olivier Compagnon<sup>10</sup>, o declínio da Europa contribuiu para

---

<sup>9</sup> COMPAGNON, Olivier. *O adeus à Europa - A América Latina e a Grande Guerra*. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

<sup>10</sup> Ibidem.

que as elites intelectuais de países da América do Sul, como Brasil e Argentina reorientassem a construção de uma identidade nacional não mais baseada em um modelo civilizatório europeu, mas agora calcado especialmente para uma positividade que o conflito oferecia: olhar para os Estados Unidos como projeto de modernização. Portanto, o processo de americanização do Brasil durante a Primeira Guerra Mundial não segue apenas um sentido econômico de ampliação de mercado para os países latino-americanos, já que o comércio com a Europa tinha sido paralisado, mas também uma nova orientação para a construção de uma identidade nacional moderna. Com a paralisação do comércio e o congelamento do câmbio, os países latino-americanos passaram a sofrer de crise econômica, o que serviu como reflexão sobre a dependência comercial que eles tinham com a Europa.

O relevante é conseguir perceber que por mais que o Brasil pouco participou dos combates em si da Primeira Guerra Mundial, já que só declarou Guerra à Alemanha, em janeiro de 1917, este foi um momento do início de inversão de pensamento muito significativa, já que a Europa não parecia oferecer uma alternativa ideológica que valesse a pena ser seguida por conta de um conflito desta escala. Eric Hobsbawm, em seu livro *Era dos Extremos*<sup>11</sup>, mostra ao leitor que a Primeira Guerra Mundial foi um momento de ruptura com valores de combate antigos - pela primeira vez, a esfera de civis passava a ser envolvida em conflitos que antes tinham apenas a participação de lados compostos apenas por militares. O historiador nomeia esse fato como "guerra suja". Com o começo de uma "guerra total", a "demonização do inimigo também deixava de lado valores de honra com relação ao tratamento do oponente. Um elemento fundamental para se entender essa demonização é o forte racismo vigente na época e que foi transportado até meados do século XX, também sendo preponderante na Segunda Guerra Mundial. Como forma de mobilizar a opinião pública a favor da guerra, a propaganda, impulsionada pelo racismo, foi fundamental. Ao criticar seus oponentes, os países alegavam "desafio a valores nacionais aceitos, como o barbarismo russo contra a cultura alemã; a democracia francesa e britânica contra o absolutismo alemão, ou coisas assim"<sup>12</sup>. A "guerra suja", a utilização da tecnologia, não mais como sinônimo de progresso a favor da evolução material e espiritual do homem - a utilização de armas

---

<sup>11</sup> HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos - O breve século XX - 1914 - 1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

<sup>12</sup>COMPAGNON, Olivier. op. cit. p. 37.

químicas, trazendo consequências perversas àqueles a elas submetidas<sup>13</sup> -, mas sim como objetos de destruição, além do declínio material e de valores como consequência da guerra causaram uma reavaliação do imaginário popular sobre o progresso da razão.

Essa desilusão com os progressos da razão e o ideal europeu foi transmitido desde o continente europeu até o americano. Tal movimentação só fez facilitar um abandono a seus pensamentos e ideologias, que desde a colonização influenciou a América Latina como um todo. Este acontecimento facilitou a intensificação da relação diplomática dos Estados Unidos com as lideranças do Brasil, de modo que o crescente da relação só fez aumentar a área e os setores de serem influenciados pelos norte-americanos, tanto na economia quanto na cultura, além do ideal democrático americano. É importante ser ressaltado que os Estados Unidos já tinham influência como exemplaridade para o Brasil - a Constituição de 1891, emulando a americana, seguindo preceitos federalistas e preconizada por Quintino Bocaiúva é um exemplo disso. Além disso, o Brasil e os Estados Unidos já teciam relações diplomáticas importantes entre si, com o estabelecimento da embaixada brasileira em Washington, no ano de 1905. De acordo com Paulo José dos Reis Pereira<sup>14</sup>, a aproximação com os norte-americanos visava atender a um princípio de solidariedade a partir de similaridades institucionais. Procurava-se vincular o Brasil aos ideais de modernidade republicano, rompendo-se com o passado imperial do país. A aproximação com os Estados Unidos servia para consolidar a República como sistema de governo - este que era visto como uma forma mais evoluída de sistema político do que o monárquico. Já podemos observar casos de influência norte-americana bem estabelecidos no país durante o século XIX, como o auxílio dos estadunidenses ao presidente Floriano Peixoto para conter a Revolta da Armada ou o Convênio Aduaneiro assinado em 1891, que concedia a redução de impostos e redução de tarifas alfandegárias a uma série de produtos norte-americanos. O ideal de pan-americanismo<sup>15</sup> foi defendido pela elite republicana brasileira como forma de cada vez mais estabelecer-se laços de união com as repúblicas vizinhas,

---

<sup>13</sup> Idem. p. 35.

<sup>14</sup> PEREIRA, Paulo José. *A Política Externa da Primeira República e os Estados Unidos: a atuação de Joaquim Nabuco em Washington (1905-1910)*. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-73292005000200006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73292005000200006). Último acesso em: 25 de maio de 2016.

<sup>15</sup> É necessário ressaltarmos que o pan-americanismo teve reinterpretções desde o bolivarianismo de Simón Bolívar e sua ideia da união dos países latino-americanos em um único país, mas também teve importantes pensadores americanos também, como por exemplo, a Doutrina Monroe.

consolidando o novo sistema político como governo legítimo e também foi elemento importante para o maior contato entre brasileiro e estadunidenses.

Sendo assim, a Primeira Guerra foi um evento importante no sentido que serviu para intensificar essa troca diplomática e cultural que já acontecia com os Estados Unidos e se expandia desde o final do século XIX, consolidando o imperialismo americano na região.

Mesmo que as relações com os Estados Unidos tivessem sido intensificadas e o Brasil fosse um mediador importante de Washington com a região da América do Sul, o país ainda era uma incógnita perante os olhos norte-americanos, que viam a terra por um viés de exotismo. Com a expansão do mercado interno nos Estados Unidos pela sua industrialização por conta da Primeira Guerra Mundial, a América Latina também tinha uma posição fundamental por ser região rica em matéria prima para suprir a demanda que crescia, alavancada também pela Segunda Revolução Industrial. É importante também ressaltar que as relações com os Estados Unidos se sobrepunham a um interesse sobre o Velho Continente por parte das elites latino-americanas. Após a guerra hispano-americana de 1898, grande parte de países latino-americanos se tornou desconfiada com relação às propostas pan-americanista dos norte-americanos. Já no Brasil, o barão do Rio Branco, comandando a diplomacia brasileira no período de 1902-1912, aprovava a forma de atuação do Colorário Roosevelt, além de uma aproximação com a potência do continente. Sendo assim, podemos afirmar que o declínio por interesses pela Europa e um maior interesse pelos Estados Unidos já se encontrava em curso antes mesmo da Primeira Guerra Mundial, sendo intensificada pelos seus resultados. Compagnon mostra em seu livro como os jornais brasileiros, na época em que o conflito europeu estourara, estavam mal informados sobre a situação política europeia e foram pegos de surpresa:

Os jornais brasileiros surpreenderam-se com o repentino desequilíbrio sistêmico do continente europeu no início dos anos 1910.[...] Era praticamente impossível encontrar na imprensa da época uma análise ou um comentário que explicitasse ou antecipasse o conflito prestes a eclodir.[...] Não havia nem simpatia nem antipatia editorial pelos polos antagônicos que se consolidavam na Europa e que, paralelamente, se militarizavam perigosamente.<sup>16</sup>

É importante observar que a imprensa brasileira e latino-americana dava voz principal nessa época principalmente às tensões entre Estados Unidos e México, que começava a encontrar solução com a ascensão de Woodrow Wilson à presidência. Ao

---

<sup>16</sup> COMPAGNON, Olivier. op. cit. p. 32.

mesmo tempo, o governo brasileiro propunha uma aliança com a Argentina e o Chile para a formação de um bloco que tivesse um poder de barganha a par dos norte-americanos. Sendo assim, o governo brasileiro não se propunha a entrar em uma relação diplomática completamente assimétrica perante os interesses estadunidenses. A aliança com tais países foi consolidada com a assinatura do Tratado ABC (Argentina-Brasil-Chile), em 25 de maio de 1915. Ambas as questões tomavam importância maior à imprensa brasileira do que propriamente a guerra que se desenrolava na Europa.<sup>17</sup> Inicialmente alheia, a imprensa brasileira já em 1915 começaria a dar destaque a guerra.

No começo, os países latino-americanos optaram pela neutralidade. A questão brasileira é bem representativa para se explicar o porquê disso: primeiramente porque a economia nacional não possuía uma grande diversidade de tradicionais clientes comerciais, o que imbricava em, caso o país entrar na guerra aliado a um lado, a perder um importante parceiro comercial que pudesse trazer capital para a modernização do país<sup>18</sup>.

Outro fator preponderante para a neutralidade durante extenso período da guerra foi o medo que as massas de imigrantes recém-chegadas ao país representavam, especialmente os alemães que assentaram-se no sul. Mesmo que portugueses, italianos e espanhóis que vinham ao Brasil se integrassem a cultura, mesclando aspectos de sua própria com a local, os alemães se tornavam uma particularidade no sentido de que eles permaneciam tenazmente atrelados à sua cultura, formando um grupo homogêneo com uma identidade própria importante e autônoma, sendo de difícil incorporação a uma ideia de identidade nacional promovida pelo Estado. Nesse sentido, o governo tinha receios de que a aliança ao lado dos aliados durante a Primeira Guerra pudesse causar sublevações internas que levassem a conflitos perigosos no interior do país, visto que as colônias alemãs eram extensas. Todavia, isso não impedia que setores importantes da intelectualidade nacional se posicionassem a favor dos aliados, enraizados em um imaginário de "civilização francesa", em contraposição a de uma "barbárie alemã". Os motivos para a crítica aos alemães pelos intelectuais eram muitas, desde a invasão da Bélgica, Estado considerado neutro até então e o ataque ao país feito pela Alemanha,

---

<sup>17</sup> Idem. pp. 42-43.

<sup>18</sup> O caso alemão é simbólico nesse sentido. No país, a partir de finais do século XIX, comerciantes alemães tinham alcançado posições estratégicas no comércio de exportação: a firma Theodore Wille & Co controlava grande parte da logística do café de São Paulo para a Europa; casas de comércio alemãs eram fundamentais para a exportação de tabaco da Bahia.

que culminou com a destruição de importantes símbolos culturais, como museus, entre outros, espelhos de civilização, até a utilização de armamento considerado desumano, tratamento sobre colônias e uma cultura militarista e expansionista. Tais elementos auxiliaram na criação da Liga Brasileira pelos Aliados (LBA) em 17 de março de 1915, no Rio de Janeiro, que começou a se expandir por outros estados pelo país. O objetivo autodeclarado do grupo se punha como: "prestar apoio moral e caritativo às nações que lutam contra o imperialismo e militarismo alemães"<sup>19</sup>. A partir desse exemplo, pode-se perceber como que, já dentro da inicial neutralidade do Brasil perante a Primeira Guerra, começava-se a estabelecer um imaginário de barbárie que poderia permear os Estados europeus que antes tinha sido um exemplo e que seria fundamental para uma maior aproximação do país com os Estados Unidos nos anos seguintes.

Os ideais de civilização cada vez vão sendo mais fragilizados ao longo do procedimento da guerra. Se a início, considerava-se o atentado de Sarajevo ao arquiduque Francisco Ferdinando como uma farpa que tinha dado início a um incêndio, que poderia ser resolvido de forma civilizada pela conversa, conforme o conflito foi se desenrolando e mais países se envolvendo, passou-se a denominar a Primeira Guerra como "conflagração", "deflagração", "catástrofe", evoluindo até "colossal conflito belicoso", "um câncer horrendo que multiplica suas monstruosidades"<sup>20</sup>. A mobilização total para guerras aliada ao desenvolvimento tecnológico maximizou a potencialidade de vítimas que a guerra poderia trazer, criando uma taxa de morticínio até então inédita, trazendo ao mundo imagens aterrorizantes. Somada a isso, o desenvolvimento tecnológico permitiu com que a guerra pudesse ser retratada de forma mais fiel, pela fotografia<sup>21</sup> e meios que poderiam exprimir de maneira mais veraz os horrores que ela propagava. A expansão das execuções sumárias e chacinas feitas a civis eram intensificadas pela alta adjetivação dos relatos dos que a vivenciaram, que vinham da Europa até o continente americano.

No registro de Compagnon<sup>22</sup>, enquanto os países mais significativos da Europa agonizavam em um confronto jamais visto até então, os Estados Unidos exibiam todo o

---

<sup>19</sup> COMPAGNON, Olivier. op. cit. p. 76.

<sup>20</sup> Idem. p. 170.

<sup>21</sup> Susan Sontag possui um interessante trabalho sobre a fotografia e seus impactos para a disseminação dos horrores da guerra para o público. SONTAG, Susan. *Ensaio sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Arbor, 1981.

<sup>22</sup> COMPAGNON, Olivier. op. cit.

seu potencial econômico com um desenvolvimento muito mais surpreendente e admirável para um país como o Brasil que procurava uma alternativa ao modelo belicoso da Europa. Com os ideais de sociedade germânico, francês e inglês iam sendo esquecidos enquanto o exemplo norte-americano ia ganhando popularidade no país.

A guerra de trincheiras deixava os países europeus em um impasse, pois os dois lados inimigos estavam muito bem armados. A quantidade crescente de jovens que iam para o conflito acabava por deixar um número muito considerável de mortos. A mobilização de soldados provindos das colônias dos países europeus também contribuía para lembrar do caráter do colonialismo no imaginário dos latino-americanos, o que já era amplamente criticado no século XIX<sup>23</sup>, contribuindo para o desvirtuamento da civilização europeia pelos olhos dos brasileiros. Aliado a esse fator, está também o relato de pessoas que experimentavam ao vivo a carnificina desprendida pela guerra na Europa e escreviam para jornais, fosse no Brasil ou na Argentina, contribuindo para intensificar o temor que o imaginário da guerra trazia. Outro elemento importante é o fato de vários artistas terem se alistados na guerra, pois muitos consideravam uma forma de regeneração de virtudes e fonte de inspirações para o rompimento com antigos paradigmas da arte. A experimentação da guerra serviria para esses artistas como uma forma de se aprofundar no entendimento sobre a vida e seus problemas - assim, a guerra, com a sua experiência, funcionaria como forma de se adquirir mais inspiração para trabalhos e, posteriormente, a construção de novos valores sobre antigos. A partir daí, movimentos artísticos importantes se espalharam com mais intensidade pelo continente e cantos do mundo, como o vorticism, entre outros. Esses movimentos artísticos contribuía para denunciar o caráter caótico e apocalíptico da Grande Guerra, ressaltando seu caráter bárbaro e destrutivo, assim como o anonimato dos soldados que participavam dela, cuja vida virava mera estatística diante do morticínio desprendido pelo conflito.

Além do saldo da guerra, de acordo com Compagnon<sup>24</sup>, outro ponto para a desilusão latino-americana com relação à Europa é o fato de que entre as nações beligerantes, seus exércitos não respeitavam as regras do direito internacional que protegiam países neutros. Com ideais da Conferência de Haia sendo negados, fosse pela invasão da Bélgica pela Alemanha, já citado, ou o assassinato do um vice-cônsul

---

<sup>23</sup> Idem. p. 171.

<sup>24</sup> Idem. p. 202.

argentino que atuava no continente ou o ataque a embarcações no Atlântico. Rui Barbosa, um dos participantes importantes na segunda conferência da paz, jurista de renome, criticava duramente a quebra de promessas feitas na conferência, repreendendo principalmente países como Alemanha, Áustria e Hungria. As responsabilidades sobre a traição dos valores morais dos pactos de paz recaía sobre os Estados europeus, que eram vistos como possuindo sede incessante de dominação. De fato, para reforçar tal tese, Hobsbawm nos mostra em sua obra:

O motivo era que essa guerra, ao contrário das anteriores, tipicamente travadas em torno de objetivos específicos e limitados, travava-se por metas ilimitadas. Na Era dos Impérios a política e a economia se haviam fundido. A rivalidade política internacional se modelava no crescimento e competição econômicos, mas o traço característico disso era precisamente não ter limites.<sup>25</sup>

Conforme o historiador elucida, os avanços materiais foram imprescindíveis para que o conflito tomasse um caráter definitivo de guerra total, o que contribuiu para que bases do direito internacional fossem ignoradas durante o confronto.

Não obstante, outro fator que se desenvolveu no conflito e que provocou crítica de brasileiros ao conflito foi o próprio apoio dado por pessoas importantes da intelectualidade europeia à participação de seus países na Primeira Guerra, como, por exemplo, o filósofo Wilhelm Wundt<sup>26</sup>. Também, conforme Compagnon observa, muitas obras acadêmicas produzidas no Velho Continente após o conflito auxiliam no descrédito dos ideais europeus pela elite latino-americana, denunciando o estado no qual os países europeus se encontravam<sup>27</sup>. Ensaios como *La crise de l'esprit*, de Paul Valéry (1919); *Où va la France? Où va l'Europe?*, de Joseph Caillaux (1922) são dois desses importantes trabalhos. A crise europeia faz com que os próprios intelectuais brasileiros, assim como outro latino-americanos repensem sua própria cultura e valores, comparando-os como mais civilizados do que exemplos que a Europa dava com a Grande Guerra.

Outro acontecimento importante que pode ser citado é a Revolução Russa de 1917 que surgiu como consequência da guerra e terminou na década de 20. Este evento teria importante impacto sobre o imaginário da elite brasileira, que temia as ideias do comunismo em sua grande maioria e também seria uma preocupação para os estadunidenses, servindo para que procurassem consolidar a sua influência sobre o

---

<sup>25</sup> HOBSBAWM, Eric. op. cit. p. 37.

<sup>26</sup> COMPAGNON, Olivier. op. cit. p. 205.

<sup>27</sup> Idem. p. 212.

Brasil. A Revolução de 1917 deu força a grupos sociais que defendiam ideais socialistas. O turbilhão de revoluções pelo qual os países europeus passaram depois do conflito, como por exemplo, a revolução espartaquista, intensificaram esse movimento.

Foi um período de transformação que acarretou outros movimentos de maior remodelação do que deveria ser a própria identidade brasileira, além de suas características originais. Mesmo que o Brasil tivesse participado pouco da Primeira Guerra, sua ação no continente europeu tinha sido visto mais como uma ajuda humanitária, com a criação de um hospital humanitário na rua de Vaugirard, em Paris, com apoio brasileiro, enquanto a não-participação de outros países latino-americanos na guerra criou um sentimento de virtude com relação à região, vista como embutida de sentimentos civilizados, como a paz e o respeito ao Direito internacional. Em contraposição, o modelo europeu era visto agora como sofrendo uma ruptura pelas ações bárbaras desprendidas na guerra. Antigas formas de se fazer política na América-Latina passaram a ser vistas como extensões de um modelo que se tornava obsoleto. Com a guerra, passou a se defender a ideia de que a América Latina deveria negociar com a Europa em pé de igualdade, visto que os países do Velho Continente, após o conflito, eram dependentes dos latino-americanos para suprimentos que auxiliariam em suas reconstruções. Nessa época, a intelectualidade latino-americana não vê a sua região mais como uma extensão de civilização europeia, mas, sobretudo como um local de regeneração desses valores<sup>28</sup>.

Foi neste momento do final da Primeira Guerra e o começo da Segunda, que movimentos surgiram com um objetivo semelhante de repensar os valores culturais da América Latina. Aqui no Brasil, movimentos que se propunham a repensar tais valores e a identidade nacional foram: o Movimento Integralista, o Modernismo que culminou após com a Semana da Arte Moderna de São Paulo, em 1922, e o discurso nacionalista que surgiu depois da primeira guerra mundial, não só no Brasil, como em outros lugares do mundo, também, como Alemanha, Itália, Espanha e Portugal.

No registro de Compagnon, podemos destacar que os Estados Unidos da América influenciariam cada vez mais pela sua cultura e sua economia os países latino-americanos, evocando sentimentos de pertencimentos próprios a cada respectiva nação e de maior valorização da própria identidade nacional. Durante o conflito de uma guerra

---

<sup>28</sup> Idem. pp. 222-225.

em larga escala aconteceu um resultado muito valioso para o Brasil, um sentimento de apreciação da própria nação também ocorreu no Brasil, que passou a ser evocado na tentativa de ao meio das influências feitas pelos norte-americanos e cada vez menos os europeus, pois não só não tinham mais condições econômicas de fazê-lo, como a desilusão dos latino-americanos seria cada vez mais presente e influente, de modo que eles estiveram abertos para que os Estados Unidos da América adentrasse o continente com seus novos ideais, cultura e participasse da economia latino-americana.

## **1.2 O aumento da influência norte-americana no Brasil**

Após a Primeira Guerra Mundial, em 1918, as potências europeias se encontravam com seus territórios destruídos, e sem condições significativas para continuarem investindo na expansão de sua cultura e seus ideais pela América Latina. Isso porque os mesmos necessitavam de capital para se reconstruírem, o que abriu espaço para os Estados Unidos os substituírem como potência para influenciar a região. O historiador Antonio Pedro Tota, em seu livro *O Imperialismo Sedutor*<sup>29</sup>, em que o autor discorre sobre a tática norte-americana para influenciar o Brasil culturalmente e economicamente, sem a necessidade da utilização de qualquer arsenal bélico. O autor demonstra como a americanização, condizente a valores americanos, como democracia liberal, se deu principalmente durante uma época em que se estruturava um governo autoritário no Brasil - década de 30 e 40, mostrando como ela se deu de forma paradoxal. O advento do autoritarismo surge como uma consequência da Primeira Guerra Mundial, que acabou interligando democracia liberal à fragilidade territorial de uma nação, com a incapacidade de sua proteção. Além disso, a crítica a um livre mercado se intensificou após o crash da bolsa em 1929. Procurava-se um líder forte, que pudesse corresponder aos anseios da população e, ao mesmo tempo, um Estado que se voltasse para seu interior e visse no trabalhador o centro da produção de riquezas de um país, regulando a economia, em contrapartida à antes concepção que a riqueza se encontrava no exterior, no livre mercado. Assim, a americanização do Brasil acontecia em um momento que Getúlio Vargas consolidava a sua imagem e seu Estado autoritário como governante do país. Por fim, o crescimento dos nacionalismos também contribuía para tal momento. Os interesses norte-americanos pela região irão aumentar

---

<sup>29</sup> TOTA, Antonio Pedro. *O imperialismo sedutor - A americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

principalmente quando o seu isolacionismo foi sendo deixado de lado e a entrada nos estadunidenses na Segunda Guerra era começava a se desenhar como uma certeza.

Essa troca cultural tinha suas armas que seriam utilizadas para intensificar esta relação: programas de rádio e exibição de filmes de destaque que mostravam um ideal de homem americano. Viria de forma pacífica, uma vez que a antiga política intervencionista americana já encontrava críticas pelos países latino-americanos.

Jornalistas, intelectuais e artistas, como Noel Rosa e Carlos Drummond de Andrade apontavam o suposto perigo dessa americanização como sendo possivelmente destruidora de nossas origens culturais tradicionais. Já outros, como Monteiro Lobato, afirmavam que essa americanização nos tiraria do atraso - cultural e econômico -, pois traria uma gradativa modernização para a sociedade brasileira, já que nós nos aproximaríamos de uma cultura de um país capitalista central e rico.

Os brasileiros já vinham se preocupando em valorizar a sua própria identidade, além de espalhar suas próprias produções artísticas, principalmente após a Semana de Arte Moderna de 1922, propondo uma ruptura com o modelo cosmopolita que se baseava principalmente na cultura francesa. Mesmo com a Primeira Guerra Mundial e suas consequências, é importante ressaltarmos que no imaginário das elites brasileiras, o modelo francês ainda continuava sendo uma inspiração<sup>30</sup>, e que criticavam a cultura americana como a das massas. O próprio germanismo, tão criticado durante a Primeira Guerra Mundial, ainda possuía influência também, com seu modelo militarista implantado pelos nazistas agradando as Forças Armadas brasileira, porém, era de difícil adequação à realidade brasileira. De acordo com Pedro Tota, o americanismo procurava ressaltar<sup>31</sup>: a democracia, os direitos individuais e a independência, sempre associados aos ideais liberais; a valorização da criatividade do homem americano, sua energia e trabalho, que trazia progresso através de sua produção de mercadorias - progressivismo - enfatizando a melhoria da qualidade de vida das pessoas pela sua inserção no mercado

---

<sup>30</sup> A esse fato, seria interessante vermos que a cultura é um elemento que demora muito a ser modificado em diversos casos. Um exemplo disso seria como a burguesia, após a Revolução Francesa, no trabalho de Arno Mayer, absorveu valores culturais da aristocracia para construir uma hierarquização social, que a diferenciava dos outros estratos sociais e a associava a características já reconhecidas comumente como atreladas àqueles que estavam no poder, como, por exemplo, a vestimenta refinada, toda a cultura de gestualidade refinada da corte e seus espaços de sociabilidade, como óperas, forma de se falar e se vestir, peças de teatro, etc. MAYER, Arno J. *A força da tradição. A persistência do Antigo Regime*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

<sup>31</sup> TOTA, Antonio Pedro. op. cit. pp. 19-20.

de consumo e o tradicionalismo, que valorizava concepções, como valores familiares, religiosidade e anticomunismo. Os Estados Unidos criavam sua autorrepresentação, assim, como exportadores desses ideais.

Vertentes de esquerda criticavam a americanização, principalmente relacionando ela a dependência cultural e econômica do Brasil aos Estados Unidos. A tendência anticapitalista do marxismo também criticava o livre comércio e a inserção no mercado de consumo como forma de alienar o trabalhador. A montagem de uma polícia política, que perseguia tanto ideais comunistas, com a repressão à ANL, quanto ideais calcados mais no modelo alemão, como o Integralismo auxiliou para que o americanismo encontrasse terreno mais amplo para a sua expansão.

Muitos especialistas e cidadãos criticavam o afrancesamento que na década de 30 já estava em vias de desuso. Vivia-se uma mudança de paradigma, nitidamente. A Europa liberal era relacionada com passadismos. Mas outros elementos persistiam: a disciplinarização para o trabalho era um desejo antigo do governo, com o desenvolvimento de uma ordem capitalista no país, que permeou a República desde a sua fundação. O americanismo auxiliava na internalização dos valores morais do trabalho através da exportação da figura do homem *self-made* americano, ou seja, aquele que ascendia à riqueza através de seu trabalho e esforço, assim sendo imprescindível para o projeto do governo brasileiro ao longo do século XX.

Quando os interesses americanos pela América Latina começaram, tinham uma relação estreita com o perigo de vários países possuírem uma democracia frágil devido a sua crise econômica, intensificada especialmente durante a Segunda Guerra Mundial, e seus frágeis governos, que poderiam cair com a popularização de movimentos tanto socialistas quanto fascistas. Assim, a aproximação dos Estados Unidos com países latino-americanos não se dava por um viés puramente econômico, mas principalmente por uma ótica da própria segurança nacional para frear a influência de ideologias que não condiziam com o capitalismo liberal nos países latino-americanos, o Brasil incluso. Agente principal para a aproximação dos EUA com a América Latina e o Brasil foi o magnata Nelson Rockefeller. Inicialmente, a aproximação de Rockefeller com os países na América do Sul se deu por questões de filantropia com o intuito de se barrar um possível antiamericanismo pela região. Primeiramente havia a preocupação de que suas fábricas fossem denunciadas por forte exploração sobre a mão de obra de seus

trabalhadores<sup>32</sup>, e, em segundo lugar, já havia um sentimento de crítica aos americanos pelo seu intervencionismo por parte da política do *Bick Stick*. Esses fatores foram importantes para que o magnata viesse à América do Sul para implementar políticas de saúde e educação, com o intuito de frear tal sentimento. Rockefeller, dono da *Standard Oil* e Fundação Nelson Rockefeller, viria a ser um dos principais agentes da aproximação entre os latino-americanos e os norte-americanos e o chefe do órgão que seria criado para comandar tais relações diplomáticas.

Havia também outra preocupação por parte dos estadunidenses, que era a propaganda nazista disseminando sentimentos de antiamericanismo<sup>33</sup> pelos países latino-americanos, além do fato de que tais países possuíam como importante parceiro comercial a Alemanha, o que estreitava a relação entre tais nações. Com o intuito de se sobrepôr à influência alemã, será criado o *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*, um órgão autônomo do governo estadunidense que seria responsável por divulgar informações e valores da sociedade estadunidense para os países latino-americanos por meio da divulgação de revistas americanas nos países, além de filmes, viagens de artistas dos EUA para a região, programas de rádio e programas educacionais. Mas essa relação, estabelecida por trocas culturais não se dava apenas em um sentido, no modo de as sociedades latino-americanas conhecerem os Estados Unidos; também se pretendia que os próprios estadunidenses conhecessem sobre os países do continente americano, de forma a não se estabelecerem estereótipos errôneos sobre países latino-americanos que pudessem fragilizar as relações com os EUA. A exportação do *american way of life*, tanto para os outros países quanto para o Brasil surgia como uma forma de se combater valores do germanismo presentes aqui por "via de mercado"<sup>34</sup>. Se mostrava, através da propaganda, como a inserção das sociedades no mercado de consumo poderia trazer progresso material para elas - assim, a exportação de imagens ressaltando a importância das mercadorias americanas era um ponto nevrálgico. A exportação de valores para o consumo gerou críticas anti-materialistas por meio de intelectuais ao *american way of life*. À exportação de bens materiais americanos, foram empresas importantes a *General Motors*, *Ford* e *General Eletrics*<sup>35</sup>.

---

<sup>32</sup> Idem.pp. 44-46.

<sup>33</sup> A Alemanha estava presente na América Latina com a Agência Transoceânica Alemã, que fornecia notícias e fotos a baixos preços sobre a Europa para os países Americanos. TOTA, Antonio Pedro. op. cit. p. 55.

<sup>34</sup> Idem. p. 53.

<sup>35</sup> Idem. p. 57.

Essa tática era tão importante que, mesmo quando os estadunidenses não tinham mais o que vender, por toda a sua indústria estar voltada para a produção bélica, se exportavam propagandas de armamentos, como metralhadoras, os relacionando à imagem dos Estados Unidos como protetor e auxiliador da democracia contra os ideais do Eixo. Aliado a isso, prometia-se que o futuro eletrificado e mecanizado por parte da produção industrial traria progresso para os países.

Em contrapartida, a América Latina também servia como mercado de abastecimento para os estadunidenses: esse papel tinha dois objetivos - 1: impedir que os países latino-americanos entrassem em crise econômica por conta do congelamento de relação comercial com importantes compradores, como os países europeus, o que poderia dar força a movimentos socialistas e de outras vertentes; 2 - abastecer a indústria americana que servia para suprir países beligerantes no conflito. Assim, o Brasil era visto como tendo uma importância central no sentido de que poderia ser um exportador fundamental de minérios que serviriam para fomentar a indústria de materiais bélicos para venda estadunidense, como quartzo, e a borracha.

A aproximação dos Estados Unidos com o Brasil não se restringia apenas à mídia - transportes aéreos, navais e rodoviários eram objetos de análises para o estudo e elaboração de estratégias de defesa contra possíveis ataques de países do Eixo. O trabalho feito sobre o Brasil concluía que o país possuía um frágil sistema de interligação que pudesse oferecer uma capacidade defensiva forte<sup>36</sup>. Criaram-se assim grupos supranacionais para a proteção regional, como, por exemplo, a Esquadilha Interamericana. Auxiliando esse ideal de defesa, a troca de conhecimento na área técnico-científico também era fundamental. Assim, os estadunidenses concederam bolsas de estudo para que brasileiros e latino-americanos estudassem em seu país nas áreas de engenharia, comércio, indústria, economia, agricultura, entre outras. De acordo com Tota<sup>37</sup>, 1/3 dos 350 mil dólares utilizados em 1942 para o programa de treinamento vocacional na América Latina foi empregado para que brasileiros fossem aos EUA para aprender sobre construção naval, siderurgia, armamentos e fabricação de aviões. A preocupação com integração nacional e defesa do território também era preponderante entre os pensamentos da base militar governista de Getúlio Vargas. Exemplo disso é a criação de uma escola para engenharia, por parte dos militares, a

---

<sup>36</sup> Idem. pp. 78-79.

<sup>37</sup> Idem. p. 81.

utilização de expedições militares para a maior integração do território, e, principalmente, a negociação sobre a Companhia Siderúrgica Nacional, demonstrando como o país estava preocupado em ser capaz de produzir aço, que poderia ser utilizado para a construção de ferrovias, armamentos, etc. A troca de intelectuais entre Brasil e Estados Unidos não era, contudo, possuía mais objetivos. A implantação de escolas de inglês no país visava quebrar a forte presença da língua italiana e alemã, principalmente em colônias no Sul do país<sup>38</sup>. A vinda de geólogos para o território brasileiro servia para se analisar a potencialidade da produção de recursos naturais pelo país, que eram vitais para a indústria bélica americana<sup>39</sup>. Nos EUA, o *Board of Economic Warfare* mapeou os materiais considerados vitais para a segurança americana<sup>40</sup>. Na Amazônia, enquanto um grupo de norte-americanos foi trazido para encontrar formas de combater doenças e desnutrição que afligiam a população cabocla local, outros membros do mesmo grupo vinham para "iniciar a prospecção do solo à procura de minerais estratégicos"<sup>41</sup>. Vemos assim, que as missões humanitárias norte-americanas tinham a outro papel importante, que era a de camuflar os verdadeiros interesses que vinham junto delas. Outra questão que podemos citar é a espionagem que norte-americanos fizeram sobre a sociedade brasileira para mapearem a extensão da influência dos meios midiáticos alemães para cá<sup>42</sup>. Uma forma que revistas americanas utilizavam para atrair atenção e confiança do público brasileiro era mostrar como eram produzidas ainda nos Estados Unidos: a *Reader's Digest* é um exemplo disso, se preocupando em mostrar para o público brasileiro a sua publicação já feita em português ainda em solo norte-americano, mostrando também o local onde a edição das revistas era feita, além de contar com a participação de brasileiros em suas formulações.

A rádio tinha importância fundamental primeiramente pelo seu alcance. Em segundo lugar, serviam para divulgar artistas de Hollywood, junto com o cinema, atividades femininas da sociedade norte-americana, últimas notícias do país. Programas de rádio, como *As Américas em Guerra* e *Estamos em Guerra* serviam para mostrar a resistência norte-americana, material e moral, durante o combate com os países do

---

<sup>38</sup> Idem. p. 81.

<sup>39</sup> Ibidem.

<sup>40</sup> Idem. p. 82.

<sup>41</sup> Ibidem.

<sup>42</sup> De acordo com Tota, havia uma operação do *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* com o FBI, para fazer pesquisas que dessem informações sobre a simpatia de brasileiros a países do Eixo e aos EUA, além do alcance dos meios de comunicação brasileiros. Idem. p. 61.

Eixo<sup>43</sup>. Serviam, sobretudo, para criar uma identidade comum aos países americanos no combate contra os nazifascistas. CBS e NBC foram importantes empresas contratadas para a formulação dos roteiros dos programas. Aqui há outro elemento importante da "Política da Boa Vizinhança" de Roosevelt: a de que ela era feita tanto pelo Estado quanto por grupos privados que viam potencialidade de mercado nos países latino-americanos. Claro que essa relação não estava isenta a choque de interesses entre o que o Estado pretendia, através do *Office*, e os grupos privados queriam, portanto, Rockefeller deveria agir como um astuto negociador. Importante agente para a propagação dos ideais norte-americanos no Brasil foi o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) de Getúlio Vargas, canal que veiculava notícias sobre os Estados Unidos e dava até mesmo espaço no *Hora do Brasil* para se falar sobre os norte-americanos e a guerra.

A aproximação entre brasileiros e norte-americanos adquiriu um caráter mais enfático a partir da *New York's World Fair*<sup>44</sup>, uma feira de ciências que aconteceu nos Estados Unidos. Em plena recessão econômica, em 1929, os brasileiros se maravilharam com a capacidade dos produtos eletrodomésticos norte-americanos que tinham sido mostrados na feira, como barbeadores elétricos e máquinas de lavar. A feira era transmitida por rádio para os ouvidos do povo brasileiro e tinha tradução em português e espanhol. A apresentação de robôs, aparelhos primitivos de televisão, entre outros reafirmava o discurso norte-americano de progresso trazido pelo mercado e apontava para o futuro de forma otimista, planejamento pelos homens de negócio que fizeram a feira<sup>45</sup>. Na exposição, o Brasil ganhou um espaço, no qual foram mostrados pássaros endêmicos da Amazônia, obras literárias nacionais importantes, como a de Machado de Assis, foi tocado o Hino Nacional, além de produtos naturais brasileiros, como borracha, fibras têxteis, resinas vegetais, vários tipos de madeira. O potencial econômico do Brasil era mostrado para os norte-americanos como forma de alavancar o investimento na região, a estudar para sua capacidade de lucro aos grandes magnatas americanos, e aliado a isso, trazia mais conhecimento da população norte-americana sobre a brasileira. Artistas brasileiros começaram a ganhar visibilidade nos Estados Unidos, como Carmem Miranda e Ary Barroso, este, principalmente depois da animação feita pela Disney, onde se apresentava *Zé Carioca*, *Alô Amigos*. Local

---

<sup>43</sup> Idem. p. 77.

<sup>44</sup> Idem. pp. 93-95.

<sup>45</sup> Ibidem.

importante, o MOMA (Museum of Modern Art), cujo dono era Nelson Rockefeller, recebeu obra de artistas nacionais condecorados, como Lasar Segall e Cândido Portinari, contribuindo para um maior conhecimento sobre o Brasil e expandir o imaginário de exuberância da natureza do país. Os documentários feitos sobre a cidade do Rio de Janeiro, dotados de hipercharacterizações que positivavam bem o local, também contribuíam por contar a história do país, falando de seus tempos imperiais e republicanos.

É interessante salientarmos que a "Política da Boa Vizinhança" era um produto não só vendido para o povo brasileiro, como para o americano. Comprar café brasileiro era apoiar tal política, e, conseqüentemente, apoiar medidas que eram importantes para a segurança nacional. Notícias sobre o Brasil também mostravam a importância do apoio do povo norte-americano, como a que falava das pretensões de Hitler instalar fábricas alemãs na região do Brasil para a produção de ferro<sup>46</sup>. Ao mesmo tempo, se mostrava que o Brasil dependia de produtos manufaturados americanos para a sua própria proteção, criando na população norte-americana uma conscientização positiva sobre a política externa de seu país. O café brasileiro era demonstrado como produto imprescindível para estimular os militares americanos na hora do combate, assim, sua aquisição adquiria mais apoio da opinião pública. Na hora de se falar sobre o Brasil, nos anúncios, dizia-se *United States of Brazil* como uma forma de se criar um laço de identidade comum entre ambos os países, como Tota nos aponta<sup>47</sup>. Como forma de se aproximar mais os laços identitários entre os países, mostrava-se que no Brasil, apesar de haver prostituição, era um insulto confundir mulheres com prostitutas, criando-se assim uma ideia de moralidade que permeasse a sociedade brasileira e fossem condizentes com o tradicionalismo puritano dos estadunidenses; Getúlio Vargas era mostrado como um líder democrático durante pleno Estado Novo. Esses vínculos em comum ajudavam a sociedade norte-americana a apoiar a aproximação com o Brasil.

O governo Vargas, com relação a política externa americana se encontrou durante muito tempo em uma posição ambígua. Isso porque o governo brasileiro procurava tirar máximo proveito de suas relações internacionais, optando por grande parte do tempo em manter neutralidade ao mesmo tempo em que adotava sua Política Externa Independente (PEI), que depois seria retomada por governos, como o de Jânio

---

<sup>46</sup> Idem. p. 109.

<sup>47</sup> Idem. p. 112.

Quadros. Os filmes americanos que chegariam ao Brasil divulgavam a figura dos heróis americanos, além de contribuírem para a expansão de ideais filantrópicos entre os próprios brasileiros, que pretendiam emular a ação de caridade feita por americanos retratada em diversos filmes para ressaltar seu caráter humanístico. O cinema americano, valorizando o homem americano, criava uma representação dos EUA mais gloriosa do que tal país realmente era. O cinema americano influenciaria um gênero de cinema que se expandiria principalmente na década posterior aqui no Brasil, conhecido como chanchada, que apresentava ao público de telespectadores figuras que eram exemplos de *self-made person* - a que ascende da pobreza à fama -, como, por exemplo, Dercy Gonçalves<sup>48</sup>. Outro agente fundamental no mundo do cinema foi a Disney, que, nesse processo mostrava através de suas ações como os ideais de mercado estavam presentes, afinal, expandiam a influência do americanismo não só divulgando seus filmes, como também seus produtos, como bicicletas, patins, etc. A mídia impressa, de acordo com Tota<sup>49</sup>, ajudava a Disney a expandir sua imagem pelo Brasil, como quando o Pato Donald apareceu n'O Globo Juvenil. A vinda de artistas americanos de renome e diretores atraíam pessoas que procuram subir à fama pelo mundo do cinema - assim, a ambição das pessoas era importante elemento para a aproximação dessas com elementos culturais americanos. Não só o povo, o próprio presidente era influenciado de maneira privada, com produtos sendo levados para ele - afinal, se Vargas tinha contato direto com o povo pelo DIP, ele deveria ser peça imprescindível para se expandir a americanização pelo povo brasileiro. Mas a relação entre Brasil - EUA ainda era carregada de estereótipos, que fica visível na sensualização de animações da Disney feitas para o Brasil, o que era diferente para a sua própria composição feita para o povo norte-americano, de caráter mais puro e inocente.

A apresentação do povo brasileiro como branco e a exclusão de personagens negros e mestiços era feita para o agrado do governo e das elites dominantes em uma época em que teorias raciais, como o darwinismo social e concepções como a eugenia ainda encontravam popularidade pelos cantos do mundo.

As propagandas americanas se preocupavam em mostrar a cooperação entre setores militares brasileiros e americanos para a defesa territorial do continente

---

<sup>48</sup>Obra interessante para se analisar as chanchadas no Brasil é o livro de Rosângela Dias. DIAS, Rosângela. *O mundo como chanchada. Cinema e imaginário das classes populares nos anos 50*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993.

<sup>49</sup>TOTA, Pedro Antonio. op. cit. p. 133.

americano, procurando o estabelecimento de uma identidade continental comum, baseada principalmente no pan-americanismo. Interessantemente, também mostra uma relação não-hierárquica, onde as forças dos dois países são importantes para a defesa do continente contra o fascismo, desse modo, equiparando o Brasil aos Estados Unidos. Outro elemento de equiparação foi o discurso de Roosevelt sobre Vargas ao falar que o Brasil e os Estados Unidos tinham sido pioneiros na implementação do New Deal<sup>50</sup>. Alguns filmes de cooperação militar eram filmados no próprio Brasil. Inconscientemente isso poderia mostrar ao leitor que a presença dos EUA era fundamental para a própria segurança do território brasileiro.

As transmissões de rádio, com sua sonoplastia exagerada, de acordo com o que Tota nos mostra<sup>51</sup> como os estadunidenses conseguiam passar para os ouvintes brasileiros sensações que influenciavam em seus sentimentos de apoio a colaboração entre EUA e Brasil diante da guerra. Os sons passados ressaltavam como os esforços dos países no conflito eram intensos, promovendo sentimento de empatia e aprovação. Conforme o autor nos aponta, o barulho intenso do programa radiofônico feito pelos americanos trazia a sensação ao ouvinte de que ele próprio se encontrava no conflito que se desprendia na Europa, mostrando que o conflito extrapolava continentes e, na verdade, era de todos.

Por outro lado, havia a transmissão dos modos de produção das fábricas americanas para mostrar o ritmo frenético da produção de mercadorias americanas e suas qualidades, endossando o discurso do progresso pela produção material. Essa transmissão influenciou parte do empresariado brasileiro a aplicar as técnicas empreendidas pelos estadunidenses em suas fábricas, conforme Tota diz. Assim nós vemos como a expansão da americanização pelo Brasil contribuía para reatualizar as relações entre patrões e trabalhadores pelo país.

Os sons das produções de produtos, além dos sons oferecidos pelos produtos já feitos, como a potência de motores de aviões ou carros, ou as explosões que remetiam ao poder destrutivo das bombas americanas usadas na guerra pelos americanos inconscientemente traziam ao ouvinte brasileiro o desenvolvimento bélico norte-americano e o progresso material o qual o país havia alcançado.

---

<sup>50</sup> Idem. p. 179.

<sup>51</sup> Idem. pp. 152-154.

Nos morros e no asfalto, o samba adquiria uma face dúbia à americanização da sociedade<sup>52</sup>. Convenhamos lembrar que o samba, originalmente em sua essência, em muitas de suas músicas, encontrando seu lugar nos estratos mais pobres da sociedade, tinha letras que criticavam a exploração do trabalhador pelas relações patronais, como é presente na obra de Claudia Mattos, *Acertei no Milhar*<sup>53</sup>. Se pensarmos que a americanização influenciava na reatualização das relações entre patrões e trabalhadores, além de enaltecer a produção industrial e o progresso material, não é difícil imaginarmos que ela pudesse sofrer críticas por parte de sambistas. Mas se havia aqueles que criticavam essa relação e defendiam a brasilidade do samba; outros sambistas viam a relação entre Brasil e EUA como uma oportunidade para adquirirem uma imagem mais internacionalizada<sup>54</sup>, adquirindo lucro com isso. Sendo assim, estes procuravam fundir elementos de sua própria música com estilos musicais americanos.

Quando os Estados Unidos começou a ter certeza de que sairia vencedor da guerra em 44 e que a segurança territorial não era mais um problema, a importância do Brasil começou a ser diminuída, pelo menos até o medo do avanço comunista pela América Latina, com a Revolução Cubana de 59 torturar a cabeça do governo norte-americano. O segundo governo de Vargas, de caráter mais nacionalista, tornaria a relação entre ambos os países mais fria. Isso porque o nacionalismo era também associado ao socialismo, pelo seu caráter estatizante, apesar de sabermos que o governo varguista valia-se realmente de um modelo de nacional-desenvolvimentismo. Os Estados Unidos viam que o mercado liberal era a melhor forma de se combater o nacionalismo, pois acreditavam que ele poderia representar progresso para os países latino-americanos<sup>55</sup>. Sendo assim, pretendiam investir nesses países para dar concretude à sua ideia defendida. Porém, para os nacionalistas, o capitalismo liberal era dependência e exploração da América Latina aos interesses norte-americanos. Assim, após a Segunda Guerra Mundial, a porta para a aproximação se tornava mais difícil de ser aberta.

---

<sup>52</sup> Idem. pp. 169-173.

<sup>53</sup> MATOS, Claudia. *Acertei no milhar: malandragem e samba no tempo de Getúlio*. In: Samba e seu lugar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

<sup>54</sup> TOTA, Pedro Antonio. op. cit. p. 172.

<sup>55</sup> Idem. p. 187.

## Capítulo 02: A Americanização pela Reader's Digest

Desde o momento em que os Estados Unidos da América começaram a desejar passar seus ideais de sua sociedade consumista para as outras localidades do mundo, e entre elas, a América Latina em especial, a propaganda em dois meios - o rádio e as publicações em jornais e revistas de cartazes foram os meios escolhidos para se difundir os valores americanos na sociedade brasileira. Neste capítulo é demonstrado como os norte-americanos difundiam seus valores para as sociedades através de textos e propagandas presentes na revista.

Entre as diversas possibilidades de revista que poderiam ser utilizadas, a Reader's Digest teve crucial relevância neste processo de americanização da sociedade e cultura brasileira de forma pacífica. As *Seleções da Reader's Digest* foram criadas nos Estados Unidos ainda em 1922, em Chappaqua, Nova Iorque, por Lila Bell Wallace e DeWitt Wallace. Tal revista só chegou apenas no Brasil em 1942, em plena Segunda Guerra. Seu começo parte de uma iniciativa puramente privada. Conforme o *Diário de Notícias* relata<sup>56</sup>, em 1921 os Wallaces dispuseram todo os seus recursos financeiros, de um pouco mais do que mil dólares, para a criação da revista e a medida que ela foi se desenvolvendo, mais dinheiro foi sendo investido nela. É uma revista que, de acordo com a reportagem, "nunca teve controle algum, por motivo de conexão ou auxílio de qualquer ordem, de Bancos, indivíduos, sociedades, agentes de governo ou qualquer outros elementos estranhos. A perfeita independência é a base fundamental em que foi construída a revista"<sup>57</sup>. Sendo assim, a *Reader's Digest* surge como um perfeito exemplo de como a iniciativa privada auxiliava o governo norte-americano na expansão de sua influência pelo mundo através da Política da Boa Vizinhança.

A *Seleções da Reader's Digest* é uma coletânea de materiais de outras revistas americanas, entre elas crônicas, artigos, anúncios, etc. escolhidas para serem reunidas e exportadas para o público leitor de outros países. Encontramos principalmente presentes histórias escritas que retratam valores da sociedade norte-americana e a participação dos

---

<sup>56</sup> Reader's Digest vai publicar uma edição brasileira. *Diário de Notícias*. 4 de Setembro de 1941. p. 2.

<sup>57</sup> Ibidem.

estadunidenses na guerra. A coletânea de artigos reunidos pela revista ainda contaria com a presença de escritores latino-americanos.

Vários exemplos podem ser retirados e analisados dos exemplares desta revista de origem estadunidense, onde a vontade do governo do norte da América fica cada vez mais nítida. Esse capítulo analisa tais exemplares, tendo como objeto textos produzidos nele e propagandas. Já em fevereiro de 1942, a revista apresentava em seu exemplar um texto chamado *Precisa-se de Dólar de Turismo*<sup>58</sup>. No texto podemos perceber o embate entre alemães e americanos, quando observamos o modo como o autor retrata a visão alemã sobre a americana da mesma forma que setores da sociedade brasileira também a criticavam: como sendo um povo cuja cultura era das massas, grosseira e essencialmente materialista, que valorizava por demais o dinheiro. Em contraposição, a cultura americana é associada à imagem do cinema ou de turistas a procura de divertimento. Por parte dos latino-americanos que iam visitar o país, é ressaltado o sentimento de encantamento destes com os Estados Unidos, mostrando como eles viam o país como desenvolvido. Forja-se de start uma harmonia entre o povo estadunidense e os latino-americanos, mostrando sentimentos compartilhados entre os povos, além de o primeiro funcionar como modelo de inspiração para o segundo:

Os turistas americanos que visitam os Estados Unidos ficam, quase generalidade, encantados. Encontre-se uma sociedade rica, cheia de vida, e que lhes inspira confiança nas instituições democráticas. Voltam a seus países entusiasmados com o princípio de solidariedade interamericana, e vibrantes de novas ideias. Uma das mais agradáveis impressões que um viajante americano pode ter, é a de ouvir um latino-americano descrever outros latino-americanos sua visita aos Estados Unidos. Discutem nossas indústrias, nossa agricultura, nossas cidades, nossos absurdos e nossas fraquezas com entusiasmo oriundo de uma iniludível simpatia<sup>59</sup>.

O texto carrega uma forte carga de pan-americanismo, mostrando alguns ideais como a idealização da criação de uma moeda comum entre os países da América para melhorar o turismo pela região, como um dólar-turismo, o que facilitaria também a ida de latino-americanos para irem visitar os Estados Unidos.

A importância da *Reader's Digest* para a expansão da influência americana é explícita quando verificamos que, quando a sua publicação começou no Brasil, a sua tiragem mundial era de cinco milhões e traduzida para cinco idiomas. Em 1943, a revista já era vendida em sete milhões de exemplares. Até o final de 1945, esse número

---

<sup>58</sup> *Seleções da Reader's Digest*. mês de fevereiro, 1942.

<sup>59</sup> *Idem*. p. 20.

saltou para 10.918.000, mostrando como a guerra contribuiu para alavancar a importância da revista, também reafirmando o que já foi apontado - que um dos instrumentos essenciais para a americanização era a circulação de revistas. As seleções de reportagens era rígida - passavam aquelas que melhor condiziam com os ideais de americanização. Os artigos, de acordo com aqueles que montavam as *Seleções*, eram de importância permanente. Em 1941, a revista já tinha cerca de 15 milhões de leitores por todos os continentes para os quais era produzida. Só na América Latina, os exemplares em espanhol já ultrapassava o número de 350 mil em circulação.

No mesmo exemplar, vemos nas páginas de 1 a 4<sup>60</sup> ser contada a história de um escocês, que nasceu fraco, feio e manco. Sabendo passar por suas adversidades, o escocês se formou em médico, se tornando doutor conhecido e amado do vilarejo onde vivia, além de conseguir constituir uma família. A *Reader's Digest* já começa com um dos produtos fundamentais de exportação americana: a imagem do *self-made man*, que supera a problema e adversidades, e, através do esforço individual, chega ao sucesso, funcionando como exemplo da ética de trabalho defendida pelo protestantismo. Mais do que isso, podemos perceber no texto, por suas entrelinhas uma mensagem de esperança que estava sendo difundida para a América Latina: a de que o desenvolvimento era possível, e mesmo os países possuindo entraves no tocante a infraestrutura, pobreza e outros problemas, através do trabalho, se poderia chegar ao progresso.

Não obstante, no mesmo exemplar, encontramos propagandas de diversos produtos marcadas pelo ineditismo dos mesmos. Simbolizar o progresso material era trazer aos olhos humanos o que ainda não tinha se trazido. Não é difícil então de imaginarmos o quão impactante tais anúncios devem ter sido para o imaginário da população brasileira. O ineditismo que condizia com os produtos americanos criavam um monopólio dos Estados Unidos como criador principal dos incrementos materiais para a humanidade, grudando os valores que o país defendia ao progresso. Porém, é importante ressaltarmos que a visão dos produtos pelo público leitor era fundamental para que o seu encantamento funcionasse completamente. Se a potencialidade dos produtos americanos era ressaltada pela sonoridade propiciada pelos rádios, a sua aparência que encarnava o progresso vinha pelos anúncios que circulavam nas revistas.

---

<sup>60</sup> Idem. pp. 1-4.

Na página 127, encontra-se um artigo sobre a Liberdade<sup>61</sup>, sendo apresentada como um valor muito defendido pelos cidadãos estadunidenses. O texto relaciona diretamente a existência da liberdade como uma condição preconizada para a obtenção do progresso tanto de um país, quanto da humanidade. Surge assim como uma proposta à solução de problemas, considerados entraves para a modernização de países. Por exemplo, é demonstrado no texto como a liberdade serve para o homem se inventar, sempre pensando em soluções novas para a sua vida, sendo relacionada diretamente ao incremento de invenções e o desenvolvimento científico, propiciando o desenvolvimento de várias fábricas, que resulta na criação de empregos para a população brasileira, resolvendo problemas relacionados ao desemprego, como carestia, por exemplo. Tal texto é interessante para reforçarmos novamente o argumento de como os ideais norte-americanos se aproximavam muito daqueles do governo brasileiro, que procurava a expansão da valorização do trabalho na mentalidade de seu povo. É mostrado ao leitor como que a liberdade dá condições para que as pessoas usufruam de toda sua autonomia para vender sua livre força de trabalho, vontade, energia e a sua capacidade criadora.

Sendo feita em tempos de guerra, a maioria dos anúncios propicia ao leitor a exportação de produtos bélicos, mas há uma reorientação na funcionalidade de tais produtos. Em todas as suas propagandas, há sempre uma dicotomia estabelecida entre Tempo de Guerra e Tempos de Paz. A exportação dos produtos, para o que eles serviam geralmente valoriza as suas funcionalidades no futuro, para quando a guerra acabasse. Os produtos carregam a promessa da consolidação do progresso, como a frase presente em um anúncio da Companhia *Minneapolis-Moline*, em um anúncio de tratores para agricultura:

No mundo do amanhã, a moderna maquinaria agrícola terá um papel tão importante como teve no continente americano durante os últimos 100 anos. A moderna maquinaria permitirá que menos de 20% da população produza mais alimentos, fibras, óleos essenciais, e muitos outros elementos vitais à manutenção dum mais alto nível de vida do que 80% da população pôde produzir antes do advento dos modernos tratores e outras máquinas agrícolas.<sup>62</sup>

A guerra nas propagandas americanas é mostrada como um meio de desenvolvimento da indústria para o período posterior de paz. Em um anúncio sobre um novo microscópio eletrônico da *General Electric*, é dito:

---

<sup>61</sup> Idem. p. 127.

<sup>62</sup> *Seleções da Reader's Digest*. fevereiro de 1944.

Depois da guerra, os novos conhecimentos provindos do esforço bélico, permitirão a General Electric oferecer a V. S. os máximos adiantamentos técnicos em seus receptores e transmissores de rádio.<sup>63</sup>

Na mesma propaganda é mostrado o rosto de uma menina chamada Rosinha, dizendo-se que ela jamais ficou doente, nem mesmo tendo um feriado. Rosinha não é uma criança real - ela é principalmente um desejo moderno da vitória da ciência sobre a doença - uma idealização simbólica do progresso da ciência. O progresso material proporcionado pelos Estados Unidos não representam então somente um avanço para seus países aliados, mas para toda a humanidade e as suas gerações que estão por vir:

V. S. não conhece esta pequena. No entanto, ela tem vivido, durante milhares de anos, no pensamento e no coração de todos como um símbolo da tão almejada vitória da ciência sobre a enfermidade.<sup>64</sup>

Os produtos americanos são mostrados não como visando a guerra, mas como produções do chamado período da paz que ganham função importante também no período de guerra, como podemos verificar na propaganda de chumaceiras *Timken*:

A tremenda quantidade de Chumaceiras Timken aplicadas em grande escala no material do combate tem o seu paralelo em toda a maquinaria industrial da paz. Efetivamente, ao converter-se a produção da paz para a guerra, tanto os desenhistas como os fabricantes julgaram de bom aviso o emprego das Chumaceiras Timken sempre que isso fosse possível (...) resistência das Chumaceiras Timken nas máquinas-ferramentas, tratores, automóveis, caminhões, equipamento para construção, para siderurgia - em suma... "onde quer que girem eixos e rodas."<sup>65</sup>

A *John. A. Roebing's Sons Company*, ao anunciar a sua atividade, como produção de metal, arames elétricos, arames de aço redondo, entre outros, cita a sua participação na produção de pontes importantes para os Estados Unidos. Diz que é essencial a construção de pontes para que locais despovoados sejam conectados e produtos transitem entre eles com mais facilidade<sup>66</sup>. No meio do anúncio é dito:

A Ponte sobre o rio Peace é uma dessas pontes, construída sob as fortes ventanias do gelado inverno alascano (*sic*). Uma necessidade de guerra, sim, - porém ainda mais que isso, pois que uma ponte é algo independente do tempo, existe na guerra para servir na paz. Talvez algum dia tenha o leitor a oportunidade de atravessá-la. (...)

A graciosa ponte pensil que o leitor pode contemplar se parece com todas as demais pontes... se parecerá com a que a Roebing talvez venha a construir no seu país, para facilitar as viagens, promover o comércio, e estreitar mais os laços entre os bons vizinhos.<sup>67</sup>

---

<sup>63</sup> Ibidem.

<sup>64</sup> Ibidem.

<sup>65</sup> Ibidem.

<sup>66</sup> Ibidem.

<sup>67</sup> Ibidem.

A PHILCO, em sua propaganda<sup>68</sup> trazia uma clara separação entre os tempos de guerra e os tempos de amanhã, no qual seus produtos seriam utilizados para o incremento do padrão de vida da população, como produtos para televisão, rádio, refrigeração e ar condicionado:

*Hoje ...*

a Philco dedica todas as suas vastas facilidades de pesquisa e de manufatura a produzir os artigos mais essenciais para a guerra, no ramo da Electrônica e seus derivados.

★ ★ ★

*Amanhã ...*

os aperfeiçoamentos oriundos das pesquisas de guerra pela Philco serão traduzidos em novos e sensacionais empreendimentos em televisão, rádio, refrigeração e ar condicionado, que lhe serão levados sob o famoso nome da Philco.

**PHILCO**  
OS MAIORES FABRICANTES DE RÁDIOS DO MUNDO

PHILCO INTERNATIONAL CORPORATION  
230 Park Avenue, Nova York, E. U. A.

Comercial da PHILCO, presente na edição da Reader's Digest de fevereiro de 1944.

Integração será uma temática essencial também presente nos anúncios norte-americanos que rechearão a *Seleções*. A preocupação em levar ao leitor a sensação de que os esforços despendidos para a guerra se dão de forma conjunta é explícita, principalmente quando observamos que em várias propagandas aparece o logo do

---

<sup>68</sup> Ibidem.

continente americano, carregado de palavras, como "união", como podemos perceber na imagem da propaganda da coca-cola:



Comercial da *Coca-Cola*, presente na Seleções da Reader's Digest de fevereiro de 1944.

No texto do anúncio, lê-se:

"Coca-Cola" bem gelada possui o dom especial de tornar qualquer reunião mais amigável. Quando se está entre amigos, é um consumo agradável o da... *pausa que refresca*, com "Coca-Cola" bem gelada.<sup>69</sup>

Abaixo do anúncio de camaradagem, de uma reunião fraternal entre amigos em torno de um produto, que simboliza o mercado de consumo, temos a imagem do continente americano, com os dizeres "unidos hoje, unidos sempre". A *Coca-Cola* reúne os amigos em torno de um momento de felicidade, assim como a produção material americana reúne os países do continente em torno da felicidade propiciada pelo progresso material. O ideário da política da Boa Vizinhança encontra grande exemplaridade na imagem: difundir um sentimento de que a América é única e os países estão unidos, como amigos, no tempo de guerra, contra as forças do Eixo. A imagem também mostra a padronização cultural estabelecida pelos Estados Unidos para a

<sup>69</sup> Ibidem.

América Latina. Se os estadunidenses consideravam a sua própria sociedade como sendo vanguarda do progresso e desenvolvimento, a exportação de sua forma de se viver era a expansão do que era ser moderno e desenvolvido. A imagem do continente americano não simboliza apenas um laço comum de identidade entre os países que nele existem, mas um laço que não pode ser quebrado, representado pela junção física do continente que faz com que os países permaneçam próximos uns aos outros.

Em outra propaganda, da *Aircooled Motors Corp.* observamos a empresa agradecendo pelo fato de aviões brasileiros em treino estarem utilizando motores americanos da companhia:

Nenhum tributo prestado aos motores Franklin poderia ter sido mais eloquente do que a sua escolha para acionar os aviões de treino nos quais de hoje em diante muitos pilotos militares e navais do Brasil receberão seu treino inicial.(...)

A Aircooled Motors Corporation ufana-se de que os seus motores Franklin irão servir ao Brasil, o grande aliado vizinho dos E.U.A. - e temos confiança em que servirão a contento.<sup>70</sup>

Em outro anúncio da *Beech Aircraft Corporation*, é mostrado a compra pelo governo brasileiro de aviões Beechcraft e de sua adesão aos ideais americanos. Acima do anúncio, se mostra um avião voando pelos céus, com os dizeres "Pelos céus do Novo Mundo". No meio da propaganda, lê-se:

O Governo do Brasil acaba de receber o seu segundo grupo de biplanos BEECHCRAFT, do tipo que acima se vê voando. Através do Novo Mundo, como por tantas outras terras distantes, os BEECHCRAFT, em número sempre crescente, estão prestando a causa da Liberdade serviços os mais diversos e da importância mais vital.<sup>71</sup>

Em outro anúncio de rádio da PHILCO, lê-se mais uma vez a união das Américas em torno de um único ideal. Na parte superior do anúncio temos uma figura de um rádio, com, no seu canto noroeste, a imagem do continente da América apresentada, junto com os dizeres "As Américas Unidas" e "Unidas Vencerão". Abaixo, um texto no qual é ressaltado o sentimento comum de defesa pela liberdade dos países americanos, onde o Departamento de Exportação da empresa se diz feliz por auxiliar os países com sua força industrial para os trabalhos de guerra. No texto, lê-se:

Unidas para assegurar aos povos livres deste abençoado continente um porvir com a mesma liberdade, e para preservar o inato e vigoroso entusiasmo que acariciamos e cultivamos, como o "Espírito do Novo Mundo".

---

<sup>70</sup> Ibidem.

<sup>71</sup> Ibidem.

Transformamos avidamente os nossos arados em armas de guerra para que possamos mais tarde tornar tranquilos aos nossos labores num mundo de Paz e Liberdade.(...)

Nós, cidadãos livres do norte e do sul, nos regozijamos com a oportunidade que ora nos permite forjar também a arma unida que manterá livre o nosso continente.<sup>72</sup>

A produção material dos Estados Unidos é mostrada como componente essencial para a obtenção da vitória dos Aliados sobre o Eixo. Assim, se a defesa dos ideais norte-americanos são tidos como a defesa da liberdade e da democracia, o mercado de consumo é demonstrado como um meio fundamental para se auxiliar na defesa e consolidação desses ideais em contraposição aos governos autoritários do Eixo. Podemos perceber essa importância sendo elucidada no anúncio de utensílios domésticos e refrigeração comercial Norge:

Os agentes representantes da Norge estão por toda a parte fazendo uma contribuição importante para a Vitória, porque mantêm em boas condições de serviço o material Norge atualmente em uso. Sabem eles que, acabada a guerra, as suas salas de exposição poderão mostrar um sortimento Norge verdadeiramente sem precedentes. (...)<sup>73</sup>

Já em outro anúncio da *The Studebaker Export Corporation*, sobre produção de motores para os aviões de bombardeio americanos, elucidada o comprometimento da produção voltada para a guerra, para a defesa dos valores americanos:

Os jovens cruzados de olhos claros e corações de ouro, estão lá em cima, nessas Fortalezas Voadoras, escrevendo novos capítulos do destino de um Mundo livre.(...) nós os da Studebaker , comprometemo-nos a produzir mais e ainda mais poderosos motores Wright Cyclone para esses devastadores aviões Boeing. (...)as necessidades civis devem e terão que esperar... até que a Studebaker cumpra os seus compromissos de guerra... até que os melhores automóveis e caminhões Studebaker possam ser construídos para um dia mais brilhante!<sup>74</sup>

Em outro anúncio de 1944, esse feito pela *York Refrigeration air conditioning*, mostra-se a preocupação com o governo norte-americano com a infraestrutura das países latino-americanos, que estavam relacionados a capacidade de defesa nacional dos próprios<sup>75</sup>. Na propaganda, a York saúda o governo e seus homens de negócio por planejarem e construírem um imenso e moderno armazém frigorífico no Rio de Janeiro. A ideia de relação entre infraestrutura e segurança nacional pode ser demonstrada na seguinte frase da propaganda:

Nessa obra monumental, os brasileiros avançaram um grande passo em direção à auto-suficiência nacional em matéria de abastecimento de gêneros frescos, e estão apontando às

---

<sup>72</sup> Ibidem.

<sup>73</sup> Ibidem.

<sup>74</sup> Ibidem.

<sup>75</sup> Ibidem.

nações vizinhas o único caminho a seguir para preservar a saúde pública, coluna vertebral de defesa nacional nos dias que vão correndo, de reduzido tráfego marítimo.<sup>76</sup>

Já no exemplar de fevereiro de 1942, podemos observar matérias que trabalham com a ideia de ajuda mútua para a defesa do território brasileiro. Na página 130 da revista, observamos uma propaganda do novo transmissor RCA<sup>77</sup>. Nela é ressaltada a importância das linhas de rádio para que o país possa se integrar aos outros países da América, pregando uma solidariedade entre todos os países americanos. Integração comum para fortalecer os laços de defesa contra ataques do Eixo, o desenvolvimento das linhas de rádio será fundamental para a integração nacional do governo Getúlio. Outro produto que servia para desenvolver a integração nacional são os tratores mostrados na revista<sup>78</sup>, que seriam utilizados para a construção de estradas - elementos fundamentais para a conexão de diferentes estados, além de melhor escoamento de produção comercial, o que simbolizaria o crescimento da riqueza para o país. A propaganda condiz com o próprio pensamento liberal - produzir para gerar mais riqueza.

Não obstante, a imagem dos Estados Unidos na Segunda Guerra sempre será mostrada de forma a afastá-lo da de um país puramente belicoso e militarista, que entra no confronto apenas para vencer o oponente, trazendo a destruição de suas cidades ou o massacre de seus povos. Na verdade, a produção para os esforços de guerra é mostrada como pensando já nos tempos de paz, o que fica mais evidente ainda quando a guerra vai chegando ao final e os Aliados começam a adquirir a certeza de que ganhariam, ou para proteger os valores fundamentais americanos, que são exportados como valores mundiais. Enquanto os alemães são retratados nos textos da *Seleções* como um povo que age de maneira bárbara, destrói cidades e mata sua população, a participação dos norte-americanos em contraposição adquire um caráter de defesa dos povos oprimidos pelo Eixo, ajuda humanitária e de auxílio para a fase de reconstrução da Europa.

Em um texto feito para o mês de fevereiro de 1944, intitulado *Primeiro Ensaio de Socorro Mundial*<sup>79</sup>, escrito por Kingsbury Smith, tirado da revista *Survey Midmonthly*, as Forças Armadas norte-americanas são mostradas como principais doadores de provisões para povos na Tunísia que tinham sido vítimas de ataque nazista. No texto, os americanos distribuem gêneros alimentícios, roupas e outras provisões para

---

<sup>76</sup> Ibidem.

<sup>77</sup> *Seleções da Reader's Digest*. mês de fevereiro de 1942.

<sup>78</sup> Ibidem.

<sup>79</sup> *Seleções da Reader's Digest*. mês de fevereiro de 1944. pp. 15-18.

o povo da região, ainda mergulhado em conflito. Representam o Departamento de Reabilitação e Socorro Estrangeiro (OFRRO). No texto se fala da ajuda dada pelos americanos aos judeus, que tinham tido seus prédios e eletrodoméstico apreendidos pelos nazistas. A OFRRO, sendo comandada pelo ex-governador de Nova Iorque, Herbert H. Lehman procurou ajudar o povo judeu em Tunis através de negociações diplomáticas com os chefes locais da região, conseguindo reunir alimentos para os necessitados, como farinha, arroz, chá, além de peças de vestuário. A OFRRO foi responsável pela proteção de novos mercados de suprimentos estabelecidos pelos Aliados pela região, que ajudou a cem mil pessoas no centro da Tunísia, doando-lhes principalmente roupas, além de serviço de leite grátis para milhares de crianças subalimentadas. No texto também é ressaltada a ajuda da iniciativa privada no processo – “A OFRRO não ofereceu dinheiro, em espécie, senão aos prisioneiros políticos europeus, libertos dos campos de concentração. Não se tratava, porém de dinheiro do governo, mas de fundos procedentes de grupos particulares, nos Estados Unidos e na Inglaterra”<sup>80</sup>. Assim, percebemos no texto a defesa da iniciativa privada relacionada não apenas a valores humanitários e filantrópicos, como também do próprio progresso para os povos da região, o que encontra exemplo similar nas ações de Rockefeller na América Latina, como já citado no capítulo 1.

Mais a frente é ressaltado outro aspecto valorizado pela americanização, o trabalho individual:

Estes prisioneiros (...) estavam naturalmente sem vintém, e os agentes combinaram dar a cada um deles um terno, e a importância de 200 francos. Muitos, aliás, recusaram o dinheiro, dizendo: “O que desejamos é trabalho”.<sup>81</sup>

Logo mais a frente são dados os motivos da OFRRO: restaurar grandes áreas do mundo, pensando nos frutos que elas poderiam vir a gerar no futuro; economizar gastos despendidos pelo povo americano para financiar a guerra, assim como salvar vidas e, por fim, impedir a anarquia econômica nos países recém-libertados do domínio do Eixo, visando a reestruturação do comércio mundial.<sup>82</sup> O texto reafirma a ideia aqui já demonstrada pelas propagandas presente nas *Seleções* – a de que os Estados Unidos na guerra agiam principalmente em consonância com o futuro, visando a reconstrução mundial, grudando à sua imagem o aspecto do desenvolvimento e da paz. Mas também

---

<sup>80</sup> Idem. p. 16.

<sup>81</sup> Ibidem.

<sup>82</sup> Idem. p. 17.

é importante se ressaltar que os norte-americanos não relacionam essa missão exclusivamente ao seu país – ele surge como a voz da liderança dentro de um grupo de nações que ajudariam na restauração do pós-guerra:

O governo americano reconhece também que nenhuma nação estará em condições de restaurar o mundo só com os seus próprios recursos. O Departamento de Estado (Ministério das Relações Exteriores) sugeriu o estabelecimento do serviço, não a cargo, como agora, dos Estados Unidos somente, mas das Nações Unidas. Uma minuta de acordo foi submetida ao exame de quarenta e três outras nações, e, depois de revista, para atender a certas objeções dos pequenos países, recebeu afinal aprovação.<sup>83</sup>

Afinal, se a política intervencionista dos Estados Unidos através da agressividade na região da América Latina surtira fortes críticas ao país e um crescente sentimento de antiamericanismo, a estratégia deveria ser mudada. O estabelecimento da autoridade norte-americana, de sua supremacia, se dava assim por um novo método: mais do que imposição, ela se dava de forma hegemônica, sob um consenso de países que seria criado através da defesa de ideias comuns aos países, cujo principal orador eram os Estados Unidos. De acordo com Giovanni Arrighi<sup>84</sup>, devemos pensar aqui em hegemonia não sendo somente um sistema de dominação simples, mas como uma capacidade de se exercer funções de liderança sobre um conjunto de nações soberanas, sem infringir o Direito das mesmas. A hegemonia de um país pode ser estabelecida sobre um interesse geral que motive estados a reconhecerem o seu líder que propõe o discurso como seu representante legítimo. Sendo assim, pode ser estabelecida a partir de aspectos morais, como valores, e econômicos, como ajuda financeira para ajuda de reconstrução do pós-guerra. Assim, a criação das Nações Unidas ou o reconhecimento norte-americano da necessidade de ajuda das outras nações mostra como se estruturava uma nova estratégia de dominação norte-americana calcada em uma hegemonia, que fosse reconhecida por países que compartilhassem os mesmos ideais. O desenvolvimento do comércio para o estancamento do caos econômico propiciado pela guerra surge como um dos pontos comuns a ser defendido:

Só poderemos manter, ao que se objeta, o sistema de livre empresa, tão profundamente americano, se a reorganização mundial, com uma sociedade de nações em plena cooperação, nos desembaraçar ao mesmo tempo do ônus da guerra e de maiores entraves à expansão do comércio.<sup>85</sup>

---

<sup>83</sup> Idem. p. 18.

<sup>84</sup> ARRIGHI, Giovanni. *O Longo Século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo*. UNESP, Rio de Janeiro, 1995.

<sup>85</sup> *Seleções da Reader's Digest*. mês de fevereiro de 1944. p. 18.

Em um texto escrito por Herbert H. Lehman, diretor do Departamento de Socorro e Reabilitação no Estrangeiro, o político faz uma reflexão sobre o estado da agricultura após a Segunda Guerra, falando que, se após a Primeira Guerra, os países neutros eram os que tinham rebanhos para abastecer a Europa e, portanto, a guerra não afetou a alimentação do povo europeu durante o período de reconstrução, agora a situação era oposta. Diz que a Europa Ocupada já havia perdido um terço de seus cavalos, um quarto do gado vacum, quase a metade de seus porcos e um terço de seus rebanhos de carneiros. O gado existente encontrava-se impróprio para a reprodução, doente. Sob tais problemas, escreve Lehman que é chegada a hora dos Estados Unidos passarem a ser o principal abastecedor de gado para a Europa, auxiliando na sua restauração da indústria pecuária. Mostra-se também como as estratégias americanas seguiam uma lógica de mercado:

Inteligentemente organizado, este programa de exportação virá a ser uma garantia contra o perigo de uma queda de preços semelhante à que se deu depois da Primeira Grande Guerra.<sup>86</sup>

Em setembro de 1944<sup>87</sup>, o ex-subchefe da Divisão de Relações Culturais do Departamento de Estado do Ministério de Relações Exteriores, Richard Patee, escrevia para a revista fazendo um balanço da Política da Boa Vizinhança, a comparando com o antigo tratamento dado pelos Estados Unidos aos países latino-americanos, criticando o fato de o intervencionismo americano remeter o país a uma semelhança com a forma de como os alemães tratavam suas nações inimigas na guerra. Assim, a reorientação de relacionamento dos estadunidenses com os países latino-americanos também é pensada no sentido de distanciar os americanos de semelhanças com os alemães e pô-los em posição de superioridade.

Em oposição aos valores positivos americanos, temos como os alemães eram retratados em textos da *Seleções*, como, por exemplo, o escrito por Robert Gilbert Vansittart, chamado *A Maior Falcatrua da História*<sup>88</sup>. No texto, é dito como a propaganda alemã era acostumada a enganar o mundo, afirmando que as Reparações alemães, das quais os nazistas tanto reclamavam e usavam como elemento para a transformação de seu país como mártir da injustiça, na verdade não eram a principal causa do sofrimento alemão durante o período entreguerras. O autor elenca que a

---

<sup>86</sup> *Seleções da Reader's Digest*. mês de janeiro de 1944.

<sup>87</sup> *Idem*. mês de setembro de 1944.

<sup>88</sup> *Idem*. mês de fevereiro de 1944.

Alemanha fez um mal maior e mais duradouro aos países que atacou do que as Reparações a ela impostas. Além disso, denuncia que o país se valeu de subterfúgios para não pagar tudo o que deveria, criticando a atuação fraudulenta do país. O povo alemão é demonstrado como frio e insensível com relação ao estado precário de suas vítimas após a Primeira Guerra Mundial:

Entretanto, um acordo viável poderia ter sido encontrado, se a nação alemã tivesse mostrado o mais leve remorso pelo horror e pelos sofrimentos que havia infligido ao mundo, ou se tivesse sentido o menor desejo de se corrigir. O povo alemão, pelo contrário, apenas sentiu a tentação de defraudar as suas vítimas vitoriosas.(...) Não reconhecia seus pecados, e assassinava alguns dos próprios cidadãos que tentaram lembrar certos fatos aviltantes e inconvenientes<sup>89</sup>.

Bárbaros, violentos e corruptos serão características geralmente utilizadas para a retratação do povo alemão ao leitor da *Reader's Digest*, procurando diminuir a imagem positiva e, conseqüentemente, influência que os alemães pudessem ter na América Latina ou em outras regiões do mundo. O texto continua mostrando as mentiras proferidas pela Alemanha: falava que, na verdade, o país que se dizia arruinado, prosperava e gastava, dando exemplo de que em 1925, a renda nacional alemã já era 60 por cento mais alta do que antes da Segunda Guerra e o governo estava concedendo enormes subvenções às indústrias e implementando um amplo programa de modernização e reformas. E, através de empréstimos recebidos de antigos inimigos para a sua reconstrução, cerca de 1.500 milhões de libras esterlinas, ia reconstruindo o país, contudo, sem pagar pelo dinheiro fornecido. O autor diz que situação de países como a França e a Inglaterra eram bem piores do que a dos alemães, com ambos os países possuindo dividas de, respectivamente, 250 bilhões de francos e sete bilhões de libras. Se a indústria bélica americana era feita para se proteger valores positivos e ela principalmente pensava no futuro, a dos alemães era voltada especialmente para o morticínio e a barbárie:

Alguns dos primeiros empréstimos foram feitos às grandes firmas alemãs fabricantes de armamentos - dez milhões de dólares a Krupp, e doze milhões a Thyssen. Aqueles bons alemães não tinham matado um número suficiente de bons europeus, de modo que era preciso abastecê-los de novos instrumentos de guerra.<sup>90</sup>

O texto ainda cita que depois de enganarem o mundo com o pagamento de suas Reparações, os alemães ainda se valeram dos empréstimos obtidos para sua reconstrução que propiciou um novo intervencionismo do país na Segunda Guerra

---

<sup>89</sup> Idem. p. 72.

<sup>90</sup> Idem. p. 74.

Mundial, e sob as nações que invadiu e conquistou durante a Segunda Guerra, impôs uma contribuição anual de um bilhão de libras em dinheiro contado, o que representava o quádruplo em um ano do total de dinheiro pago durante doze anos a título de Reparções após a Primeira Guerra Mundial. No final do texto, o autor reforça suas convicções, defendendo que, após a Segunda Guerra, a Alemanha deveria ser despojada inteiramente do fruto de suas mentiras, assim como desarmada completamente, para que o mesmo não voltasse a se repetir.

Em outro texto intitulado *Não basta acabar com os nazistas!*<sup>91</sup>, escrito por Henry J. Taylor para a *Men in Motion*, mais uma vez o povo alemão é apresentado como perigoso: o problema dos pensamentos racialistas de superioridade não advém apenas do partido nazista, mas de outros segmentos do povo alemão, como alas conservadoras ou tradicionalistas, que reúne junkers, industriais, diplomatas, professores, generais, líderes conservadores do exército, entre outros. O problema é dado como inerente ao próprio povo alemão, e não apenas ao partido nazista, O próprio alemão se considera superior às outras raças:

O problema alemão tem raízes mais profundas do que em geral se imagina. Os alemães acreditam, com firmeza, que a sua raça é ingenuamente superior às outras. É raro que um alemão empregue isoladamente as palavras "honra", "dever", ou "talento". Dirá, de preferência: "honra alemã", "dever alemão", "talento alemão". Esse conceito de superioridade racial não dimana de Hitler. Está no sangue do povo.<sup>92</sup>

Mais adiante, a Alemanha é mostrada como sendo um país historicamente com uma política expansionista agressiva, falando de suas vítimas que tinham sido invadidas. Os americanos são diferenciados dos alemães, sendo mostrados como pacifistas enquanto os últimos são descritos como egoístas e agressivos:

Não sendo, como não são, os americanos e os ingleses, propensos ou indiferentes ao derramamento de sangue em seu próprio benefício, como se têm mostrado os alemães, não será de estranhar que o apelo destes encontre acolhimento.<sup>93</sup>

Por fim, Taylor defende a ideia de que a Alemanha precisa passar por uma reflexão que ocasione uma revolução psicológica para libertá-la de seu pan-germanismo, "a ponto que nenhum alemão possa jamais esquecer o que custa a tentativa de submeter ao seu domínio o resto do mundo"<sup>94</sup>. Se o pan-germanismo é visto como uma doutrina que procura subjugar as outras nações à força, os americanos em sua

---

<sup>91</sup> *Seleções da Reader's Digest*. mês de janeiro de 1944. pp. 25-27.

<sup>92</sup> *Idem*. p. 25.

<sup>93</sup> *Idem*. p. 27.

<sup>94</sup> *Ibidem*.

americanização irão atribuir ao pan-americanismo uma outra forma de sentido - a de uma união entre seus países que se faz pela defesa de mesmos ideais.

Como o povo estadunidense era retratado para os leitores brasileiros? Em várias passagens das *Seleções*, podemos reparar valores comuns que são compartilhados entre os norte-americanos, sendo um principal deles o do patriotismo. Na página 84 da edição de janeiro, temos um texto tirado da revista *The New Yorker*, cujo título era *Os civis cooperam*. Nele é mostrada a cooperação de civis americanos que obedecem imediatamente as ordens dadas por um garoto do elevador em seu primeiro dia de trabalho, revelando "bem a prestimosa docilidade do espírito civil em tempo de guerra"<sup>95</sup>.

Já nas páginas seguintes, é demonstrado os atos de caridade do povo norte-americano, que doa mantimentos para o sacerdote John Klingberg - sueco que vivia nos Estados Unidos desde sua infância - que, através de sua congregação, mantém um orfanato ajudando crianças em necessidade. No começo do texto já é possível ao leitor perceber a solidariedade que move o povo americano:

John Klingberg nunca pediu um centavo a quem quer que fosse; entretanto, o que o povo lhe tem dado, nestes últimos quarenta anos, orça por quase dois milhões de dólares. Além propriamente de dinheiro, chegam-lhe às mãos donativos de toda natureza, desde toneladas de roupa, até um carro carregado de batatas, ou uma boa vaca leiteira, e o feno preciso para alimentá-la. Sua correspondência postal é um milagre, sempre renovado, de dinheiro a correr a seu encontro, dos 48 estados da União, na importância de mil dólares em média, por semana.<sup>96</sup>

As doações são mostradas como sendo desinteressadas, onde os doadores não chegam a se identificar. Mostram os laços de comunhão presente no próprio povo norte-americano, retratando-o como um povo solidário, de aspecto simples que prestava ajuda àqueles que necessitavam. Ora, essa mesma mentalidade vai ser o discurso construído pelos estadunidenses para justificar a sua Política da Boa Vizinhança - a de ajudar os países em necessidade do continente americano.

Ao mesmo tempo, o texto sobre o padre Klingberg condiz com outro valor americano exportado aqui já apresentado, que é o do homem que se faz por si só e ascende na vida, sem precisar dos auxílios dos outros, a partir do trabalho, como podemos observar no seguinte trecho:

---

<sup>95</sup> *Seleções da Reader's Digest*. mês de janeiro. p. 84.

<sup>96</sup> *Idem*. p. 85.

Aliás o sacerdote conhece a pobreza por experiência própria. Na sua velha Suécia, a mãe carregava argamassa, trabalhando como ajudante de pedreiro, para sustentar sete filhos, órfãos de pai. A partir dos nove anos, John trabalhava quando podia, mas às vezes, pela falta completa de recursos, era obrigado a mendigar o pão. Serviu em minas de ferro até os vinte anos, vindo em seguida para os Estados Unidos, onde foi trabalhar em usinas de aço, perto de Chicago. Algum tempo depois as deixava, para matricular-se na universidade daquela cidade, aí formando-se em Teologia - conquista, certamente, não pequena, para um trabalhador imigrante.<sup>97</sup>

Em outro texto - *Quem foi afinal que salvou?*<sup>98</sup>, é contada a história de Ann Martin e Tommy, a primeira uma mulher já formada, e o segundo, uma criança. Ambos eram norte-americanos que se conheceram em um cruzeiro que saía da cidade do Cabo e ia em direção aos Estados Unidos. Todavia, a embarcação na qual eles se encontravam acabou sendo bombardeada por um submarino inimigo. Enquanto o navio naufragava, Ann ajudou o garoto a sobreviver, o ajudando a embarcar num bote salva-vidas. Ambos se mantiveram vivos enquanto contavam histórias sobre os Estados Unidos, vindo os dois a se salvarem da tragédia. Mais uma vez é mostrada como a solidariedade norte-americana se faz entre os seus compatriotas e como os Estados Unidos servem como imagem de esperança - afinal, foi através da expectativa em se chegar aos Estados Unidos que ambos se mantiveram vivos, na esperança de encontrar dias melhores quando chegassem no país.

Em outra parte da revista, também há seções que são voltadas para a indústria e o empresariado. Em *O Ensino pelo exemplo produz melhores operários*<sup>99</sup>, é debatido sobre qual a melhor forma de se treinar um operário para que ele trabalhe na indústria. O texto ensina ao empresariado como é a melhor forma de se treinar um operário, que seria dizer como fazer seu trabalho em partes, ao contrário de se dizer tudo o que ele deve fazer de uma vez só, para não sobrecarregar a sua cabeça. A partir da parte, o operário deveria então fazer um trabalho de repetição sobre o que lhe fora ensinado, ensaiando as operações ou reproduzindo-as da forma que mais agradassem aos seus chefes. Claramente uma demonstração do sistema de fordismo já bem consolidado na produção das fábricas norte-americanas.

As *Seleções* também possuem seções onde os leitores escrevem para a revista e que serve principalmente para mostrar como os valores norte-americanos eram compartilhados por pessoas na América Latina, inclusive aqui no Brasil. Por exemplo,

---

<sup>97</sup> Idem. p. 87.

<sup>98</sup> Idem. mês de fevereiro de 1944. pp. 79 - 81.

<sup>99</sup> Idem. p. 31.

peguemos o exemplo de A. Rodrigues, de São Paulo, que escreveu para o exemplar de fevereiro de 1944. Rodrigues conta a história de ensinamentos de seu pai que observava seu filho distribuindo esmola para os pobres que passavam pela loja de seu pai. No primeiro exemplo que dava, Rodrigues deu dinheiro que estava na gaveta do balcão de seu pai. Logo após, quando outro pobre passou lhe pedindo esmola, seu pai o ordenou que pegasse seu próprio cofre e desse o dinheiro a partir dele. A explicação vinda do pai de Rodrigues é representação clara dos valores individualistas norte-americanos, principalmente de valorização da propriedade privada:

O verdadeiro óbulo - disse me ele - o que realmente agrada a Deus e é cedo ou tarde considerado pelos homens, é somente aquele que provem do que verdadeiramente é nosso. Com o primeiro pobre, você não praticou caridade alguma, e sim um erro, dando um dinheiro que não era seu. Achei, por isso, que você precisava reparar a falta e aprender a dar a verdadeira esmola, para o caso, o dinheiro do seu cofre!(...)

Há muita gente - rematou meu pai - que em assuntos semelhantes costuma, como se diz, 'fazer barretada com chapéu alheio'. Aconselho-o porem, meu filho, a que nunca use sinão (sic) o seu chapéu.<sup>100</sup>

Além disso, a história dos Estados Unidos era contada através da revista para seus leitores. Assim como os outros textos e propagandas, eram escolhidas aquelas que mais enfaticamente destacavam os valores positivos e humanísticos de grandes figuras da política americana, como a de Abraham Lincoln<sup>101</sup>, apresentado como um dos pais da liberdade responsável pelo fim da escravidão nos Estados Unidos.

O próprio Brasil produzia suas "revistas americanas" para o seu povo, como, por exemplo, a *Revista Americana*, mostrando como a americanização atendia a interesses mútuos de ambos os governos. Em 15 de abril de 1941, o *Correio da Manhã* trazia uma reportagem<sup>102</sup> falando sobre o pan-americanismo em virtude do aniversário da fundação da União Panamericana e homenageando o dia do pan-americanismo. Nela é apresentado o discurso do vice-presidente norte-americano, Henry Wallace, em defesa da ideologia. A reportagem do jornal começa:

O Dia Panamericano foi ontem comemorado num ambiente expressivo criado pela situação que vai pelo resto do mundo. Vivemos aqui neste continente de trabalho constante e crescente pela paz e pelo progresso de todas as Republicas em que o Hemisfério Ocidental se divide. Amamos a tranquilidade pelo bem que ela nos propicia, permitindo que desenvolvamos as nossas riquezas e nos mostremos dignos das responsabilidades que assumimos em face do patrimônio que soubemos guardar. Não o amamos por acomodação e por tibieza, porque a história de todos os povos americanos foi escrita no meio de lutas em que se tinha por objetivo o bem do ser livre e não o desejo de destruir a liberdade alheia.

---

<sup>100</sup> Ibidem.

<sup>101</sup> Idem. mês de janeiro de 1944. pp. 108-109.

<sup>102</sup> A DATA DO PAN-AMERICANISMO. *Correio da Manhã*. 15 de abril de 1941. p. 1.

No terreno material, ainda não chegamos ao clímax. Nas conquistas morais e do espírito, porém, podemos dizer que não pedimos lições ao resto da civilização.<sup>103</sup>

Vemos assim que os valores pan-americanos não eram apenas produzidos dos Estados Unidos como centro irradiador e difundido pelos países latino-americanos. Como exemplo do *Correio da Manhã*, jornal que atendia aos interesses do governo brasileiro, a expansão e estreitamento das relações culturais entre os países se dava em duas mãos, com os jornais brasileiros também ajudando a difundir os ideais norte-americanos pela população. O próprio discurso de americanização saía da boca de brasileiros.

Se por um lado, a revista atendia aos interesses do governo brasileiro, por outro, como aqui já dito, se chocava com a forma de estruturação do Estado autoritário de Getúlio Vargas. A difusão dos valores americanos pela sociedade contribuiu, assim, para que o governo varguista repensasse a sua forma de governo. Com o fim da Guerra, tais valores defendidos por esse artigo da *Reader's Digest* se consolidariam no país e o fim de Estados autoritários marcaria também a derrocada do Estado Novo.

A visita de artistas americanos foi intensificada a medida que os laços entre Brasil e Estados Unidos ia sendo estreitada. Em junho de 1940, o *Correio da Manhã* noticiava a vinda de astros da comédia americana, Harris and Shore, que tinham feito sucesso no ano anterior com um show na *Radio City*, em *Rockfeller Center*, Nova Iorque. Já em janeiro de 41, o mesmo jornal divulgava<sup>104</sup> a visita de John Gunther ao Rio de Janeiro. Autor que tinha escrito livros como "Inside Europa" e "Inside Asia", o escritor permaneceu duas semanas no Rio para depois seguir viagem para outros países latino-americanos. De acordo com as observações da reportagem, o escritor se preparava para escrever seu novo livro - "Inside Latin America". A vinda de Gunther para o Brasil nos mostra o aspecto aqui já citado - a vinda de norte-americanos não servia apenas para a divulgação de seu país, mas para que também pudessem conhecer seus vizinhos e escrevessem obras sobre eles para educar a sociedade estadunidense sobre suas culturas.

A própria expansão da língua inglesa é simbólica no caso americano. No Brasil, a fala de determinadas línguas esteve sempre associada à interiorização de costumes europeizantes na população brasileira, para inseri-la no grupo dos povos considerados

---

<sup>103</sup> Grandes comicos americanos no Rio. *Correio da Manhã*. 14 de junho de 1940. p. 15.

<sup>104</sup> Está no Rio desde hontem o escriptor John Gunther. Idem. 9 de janeiro de 1941. p. 3.

civilizados. Assim, falar-se francês no Rio nas épocas de Primeira República, mais do que ser puramente chique, era sinal de status social, de se estar inserido no projeto civilizacional brasileiro<sup>105</sup>. Ora, podemos observar pela época da Segunda Guerra Mundial cada vez mais espaço sendo dado para notícias em inglês, por exemplo, como o caso do *Diário de Notícias*<sup>106</sup>, onde encontramos uma seção de notícias apenas em inglês. Nela dela, um texto vindo do próprio diário de Eleonora Roosevelt, que falava como havia sido o seu dia. Os laços diplomáticos entre Brasil e Estados Unidos se intensificavam e as vidas privadas de pessoas públicas norte-americanas começavam a ser divulgadas pelo Brasil. Era uma forma de se encurtar a distância do povo brasileiro com as grandes figuras da política estadunidense, dando uma sensação de proximidade aos dois, mas também mostrando que as pessoas que comandavam o país norte-americano eram tão comuns quanto um cidadão brasileiro normal. Tal forma de se apresentar as autoridades americanas criavam assim laços que podiam se traduzir em maior simpatia e empatia do povo brasileiro a estas.

Além disso, o anúncio da *Reader's Digest* encontrará amplo espaço nos jornais, como o caso do *Diário de Notícias*, no qual constantemente serão valorizadas características da revista para sua venda. Por fim, é importante ressaltarmos que os próprios jornais brasileiros serviam para a propagação de propagandas que vendiam produtos norte-americanos, ajudando na exportação e expansão do modo de vida estadunidense pela população brasileira.

---

<sup>105</sup> Trabalho interessante que demonstra a internalização de hábitos cosmopolitas por brasileiros no período da República Velha, como a questão da fala é o de Margarida de Souza Neves. NEVES, Margarida de Souza. *Uma Capital em tronpe L'oeil. O Rio de Janeiro, cidade capital da República Velha*. In MAGALDI, Ana Maria; ALVES, Claudia e GONDRA, José G. (orgs). Educação no Brasil: história, cultura e política. Bragança Paulista: EDUSP, 2003.

<sup>106</sup> News in English... *Diário de Notícias*. 30 de maio de 1941. p.6.

## Considerações Finais:

O esgotamento da política do *Bick Stick* proporcionou aos Estados Unidos uma nova forma de repensar a sua relação com o Brasil e os outros países latino-americanos. Nesse processo, a exportação do *american way of life* teve como importante estratégia a criação de propagandas que mostravam como os Estados Unidos eram uma nação ligada à concepções de prosperidade. Reafirmamos assim que a iniciativa privada teve importância fundamental na americanização do Brasil – ou seja pela participação das empresas americanas.

Vimos no capítulo um como o declínio gradual da Europa como valor civilizacional teve um caimento após a Primeira Guerra Mundial, sofrendo mais um baque significativo na Segunda Guerra Mundial. Portanto, não podemos associar a ideia de americanização do Brasil apenas aos Estados Unidos, mas sim entender como um produto de consequências do contexto mundial. Não obstante, vimos que o processo de estreitamento de laços entre Brasil e Estados Unidos já seguia uma tendência positiva desde o início da República Velha, sendo um processo muito mais longínquo.

O desenvolvimento técnico científico foi o responsável pelos eventos inéditos da Primeira Guerra Mundial: morticínio sem precedentes, assim como a destruição avassaladora causada pelos países, impulsionados por outros fatores, como o racismo, questão que persistiu na Segunda Guerra Mundial. Mas foi o mesmo desenvolvimento tecnológico que foi utilizado pelos Estados Unidos para o estabelecimento de sua hegemonia sobre a América Latina e o Brasil.

Dentro da lógica de estabelecimento de influência da Política da Boa Vizinhança, podemos perceber pelo estudo, que a revista *Seleções da Reader's Digest* teria uma importância fundamental pela sua ampla circulação em vários continentes, como também pela forma sutil na qual os valores americanos apareciam em suas edições, transformados principalmente em ideais mundiais positivos a favor do desenvolvimento. Comerciais mostrando a melhoria na condição de vida doméstica das pessoas, resoluções de problemas como doenças, integração nacional através da construção de estradas e pontes propiciadas pela maquinaria e aço produzido nas

industrias americanas, entre outros, tornava a importância americana para o progresso quase como um discurso inquestionável e ajudava a construir um consenso sobre a positividade do país exercer sua influência no Brasil, transformando um intervencionismo que antes era militarizado e de puro domínio em uma influência que se estabelecia por meio do discurso hegemônico.

Em adição, a americanização se construía como forma de se neutralizar a influência alemã no país e no resto da América Latina, demonstrando como ela seguia uma lógica de segurança interna para os Estados Unidos, que procuravam a possibilidade de encontrarem novos inimigos no mesmo continente, caso algum governo latino-americano se aliasse ao Eixo. A expansão de governos autoritários pelo mundo fazia a situação adquirir mais possibilidade ainda. Portanto, para freá-la, artigos denegrindo a imagem do povo alemão eram fundamentais e a *Reader's Digest* ajudou nesse processo, como vimos. Ao mesmo tempo, o caminho não seguia uma via de mão única, com o governo brasileiro auxiliando a americanização, vendo que ela poderia ajudá-lo a consolidar seu projeto de modernizar o país.

## Referências Bibliográficas:

### Fontes:

Revista: *Seleções da Reader's Digest*.

Periódicos (Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital): *Correio da Manhã, Diário de Notícias*.

### Bibliografia:

ARRIGHI, Giovanni. *O Longo Século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo*. UNESP, Rio de Janeiro, 1995.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e holocausto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

COMPAGNON, Olivier. *O adeus à Europa - A América Latina e a Grande Guerra*. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

DIAS, Rosângela. *O mundo como chanchada. Cinema e imaginário das classes populares nos anos 50*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993.

HOBBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos - O breve século XX - 1914 - 1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MATOS, Claudia. *Acertei no milhar: malandragem e samba no tempo de Getúlio*. In: *Samba e seu lugar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

MAYER, Arno J. *A força da tradição. A persistência do Antigo Regime*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

MOURA, G. *Tio Sam chega ao Brasil: a penetração cultural americana*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

NEVES, Margarida de Souza. *Uma Capital em tronpe L'oeil. O Rio de Janeiro, cidade capital da República Velha*. In MAGALDI, Ana Maria; ALVES, Cláudia e GONDRA, José G. (orgs). *Educação no Brasil: história, cultura e política*. Bragança Paulista: EDUSP, 2003.

PEREIRA, Paulo José. *A Política Externa da Primeira República e os Estados Unidos: a atuação de Joaquim Nabuco em Washington (1905-1910)*. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-73292005000200006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73292005000200006). Último acesso em: 25 de maio de 2016.

SONTAG, Susan. *Ensaio sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Arbor, 1981.

TOTA, Antonio Pedro. *O imperialismo sedutor - A americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.